

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Wilmar Ens

**PERDA E RESSIGNIFICAÇÕES DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ NA REGIÃO DO VALE
DO TRÊS FORQUILHAS**

Porto Alegre
2017

Wilmar Ens

**PERDA E RESSIGNIFICAÇÕES DO USO DA LÍNGUA ALEMÃ NA REGIÃO DO VALE
DO TRÊS FORQUILHAS**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História, da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Weber

Porto Alegre
2017

À nossa querida Tia Lili (Liese Kroeker),
que dedicou sua vida a ajudar o próximo
no Hospital Colônia Nova, tornando minhas
enfermidades bem mais leves.
In memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida que se renova a cada respiração.

Agradeço aos meus pais, Walter e Anni Ens, por terem nos ensinado os valores e importância da educação, não medindo esforços para nos ofertarem a mesma. Ao meu irmão Carlos, às minhas irmãs Nerci, Clarice e Joanita pela união e a alegria de cada encontro.

À Adriana, companheira de vinte e cinco anos, que sempre acreditou em mim, dividindo comigo sonhos, angústias e realizações.

Aos meus filhos, Raquel e Rafael, razão da minha existência, dividindo minha ausência para completar esta etapa, me ensinando e renovando meu amor a cada dia.

Às amigas construídas ao longo da caminhada, espalhadas por tantos lugares, e que sempre nos apoiam.

À UNICNEC (Universidade Cenecista de Osório) que me possibilitou o ingresso via PROUNI, na qual trilhei boa parte da etapa do curso.

Aos professores e colaboradores da UNICNEC, principalmente ao prof. Edison Luiz Saturnino, que me incentivou e orientou neste tema durante o curso.

Aos colegas e amigos do curso de Licenciatura em História da UNICNEC.

Ao professor de História e amigo Ricardo Jacoby Rickrot, pelo exemplo de inspiração e persistência, pelo envolvimento e contribuições em vários momentos da pesquisa.

À UFRGS, que possibilitou a concretização deste sonho interrompido na década de 1990, quando a oferta de cursos noturnos era mínima. O conhecimento adquirido nestes anos foi fundamental para a construção da minha cidadania.

Aos professores e colaboradores da UFRGS, por sua dedicação e conhecimento disponibilizados. Nada mais justo que citar cada um deles, mas poderia pecar com alguma ausência.

Agradeço à minha orientadora pelo direcionamento e ajuda na construção deste trabalho.

Aos pastores Cristina Scherer, Paulo Scheuermann e Leonídio Gaede (Zeca), por nos disponibilizarem acesso aos arquivos eclesiais da IECLB (Paróquia em Itati - Vale do Três Forquilhas), além de boa parte da bibliografia utilizada na pesquisa.

*“A autenticidade é a maior diferença entre,
os que são e os que tentam ser”.*

Angelo Franco

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a progressiva diminuição no uso e conseqüente perda da língua alemã na região do Vale do Rio Três Forquilhas, que compreende os municípios de Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia, no litoral norte do Rio Grande do Sul. Por outro lado, busca elencar fatos que teriam contribuído para esta perda, anteriores ao período Vargas onde sabidamente houve forte repressão em relação ao uso da língua alemã no Brasil, acentuada pela entrada do País na II Guerra Mundial no eixo dos Aliados. Apesar dos municípios de Itati e Três Forquilhas ainda possuírem boa parte da sua população descendente das famílias dos imigrantes fundadores, percebe-se que diferentemente da manutenção da religião e das festas tradicionais, a preservação da língua alemã pouco é percebida na localidade, diferentemente de outras regiões, como a dos menonitas, exemplificado neste trabalho. Para estudo do nosso objeto, utilizaremos o método comparativo entre as Colônias Luterana no litoral norte do RS e Menonita na fronteira sul do RS, juntamente com o estudo etnográfico com o recurso da observação participante e da bibliografia específica. Desta forma, ao analisar as duas comunidades afetadas pela campanha de nacionalização do governo varguista, há dois contextos distintos. Os menonitas adotaram o isolamento como opção, a produção e comercialização em ideais cooperativistas e associativistas, a tradição pacifista, o privilégio de obterem a autorização para o uso do seu dialeto (*Plauttdietsch*) e a autogestão de suas Colônias mediante altas taxas de impostos. Já os luteranos da comunidade do Vale do Três Forquilhas, por sua própria localização, mostraram uma disposição para as relações econômicas e sociais com a sociedade mais ampla, mostrando em sua história vinculação com os momentos políticos mais contundentes do Rio Grande do Sul. Esta sociabilidade ampliou horizontes tanto quanto trouxe perdas: perdas de vidas em batalhas, perda da linguagem de origem, isto é, um patrimônio cultural. Estas perdas exigiram ressignificações ao incorporarem novos aprendizados, como da língua nacional, e reconstruírem o sentimento de pertencimento agora em terras brasileiras.

Palavras-chave: **Língua alemã; Imigrantes; Luteranos; Menonitas.**

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Studie zielt darauf ab, die schrittweise Verringerung des Einsatzes und den Verlust der deutschen Sprache im Tahl Rio Três Forquilhas Region, mit den Gemeinden Itati, Três Forquilhas und Terra de Areia, in der Nordküste von Rio Grande do Sul. Zuhilfenahme, sucht Ereignisse aufzulisten, die zu diesem Verlust beigetragen haben, vor der Vargas-Ära, wo es gekennzeichnet durch starke Repression bei der Verwendung der deutschen Sprache in Brasilien bekam, markant beim Eintritt des Landes in den Ersten Weltkrieg auf der Welle der Alliierten. Obwohl die Gemeinden Itati und Tres Forquilhas noch viel von seiner Nachkomme Bevölkerung der Familien der Gründer der Einwanderer besitzen, ist es klar, dass im Gegensatz zur Erhaltung der Religion und traditionellen Feste, wenig die Erhaltung der deutschen Sprache in der Ortschaft wahrgenommen wird, im Gegensatz zu andere Regionen wie in dieser Arbeit, die Mennoniten. Um zu unserm Ziel zu untersuchen, werden wir die vergleichende Methode zwischen der Lutheran Kolonie in der Nordküste von RS und die Mennoniten in südlichen RSGrenze verwenden, zusammen mit der ethnographische Studie über die Verwendung von teilnehmender Beobachtung und spezifischer Bibliographie. Darum, wenn wir die beiden Gemeinden analysieren, die von der Vargas Regierung Verstaatlichung Kampagne betroffen wurden, gibt es zwei verschiedene Kontexte. Die Mennoniten haben angenommen Isolation als eine Option, die Produktion und Vermarktung in idealen kooperativisten und assoziativisten, die pazifistischen Tradition, das Privileg der Genehmigung für die Nutzung ihres Dialekts (Plattdeutsch) und Selbstmanagement ihrer Kolonien durch hohe Steuersätze zu erhalten. Bereits Lutheraner von Três Forquilhas Talschaft, ihren Standort, die Bereitschaft zur wirtschaftlichen und sozialen Beziehungen zur übrigen Gesellschaft zeigten ihre Verbindungen Geschichte mit den stärksten politischen Momenten von Rio Grande do Sul. Diese sociabilität erweitert Horizonten so viel wie brachte Verluste: Verlust von Menschenleben in der Schlacht, Verlust der Quellsprache, also verlust eines kulturelles Erbe. Diese Verluste erforderten Neubedeutungen, indem sie neues Lernen, wie die Nationalsprache, und das Gefühl der Zugehörigkeit in brasilianischen Land rekonstituierten.

Schlüsselwörter: **deutsche Sprache; Einwanderer; Lutheraner; Mennoniten.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

C.P.T. – Comissão Pastoral da Terra

I.E.C.L.B. – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

I.E.L.B. – Igreja Evangélica Luterana do Brasil

I.E.M. – Igreja Evangélica Menonita

I.E.I.M. – Igreja Evangélica Irmãos Menonitas

EMATER/ASCAR – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural/Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural

V.T.F. – Vale do rio Três Forquilhas

UNICNEC – Centro Universitário Cenecista

P.A.A. – Programa de Aquisição de Alimentos

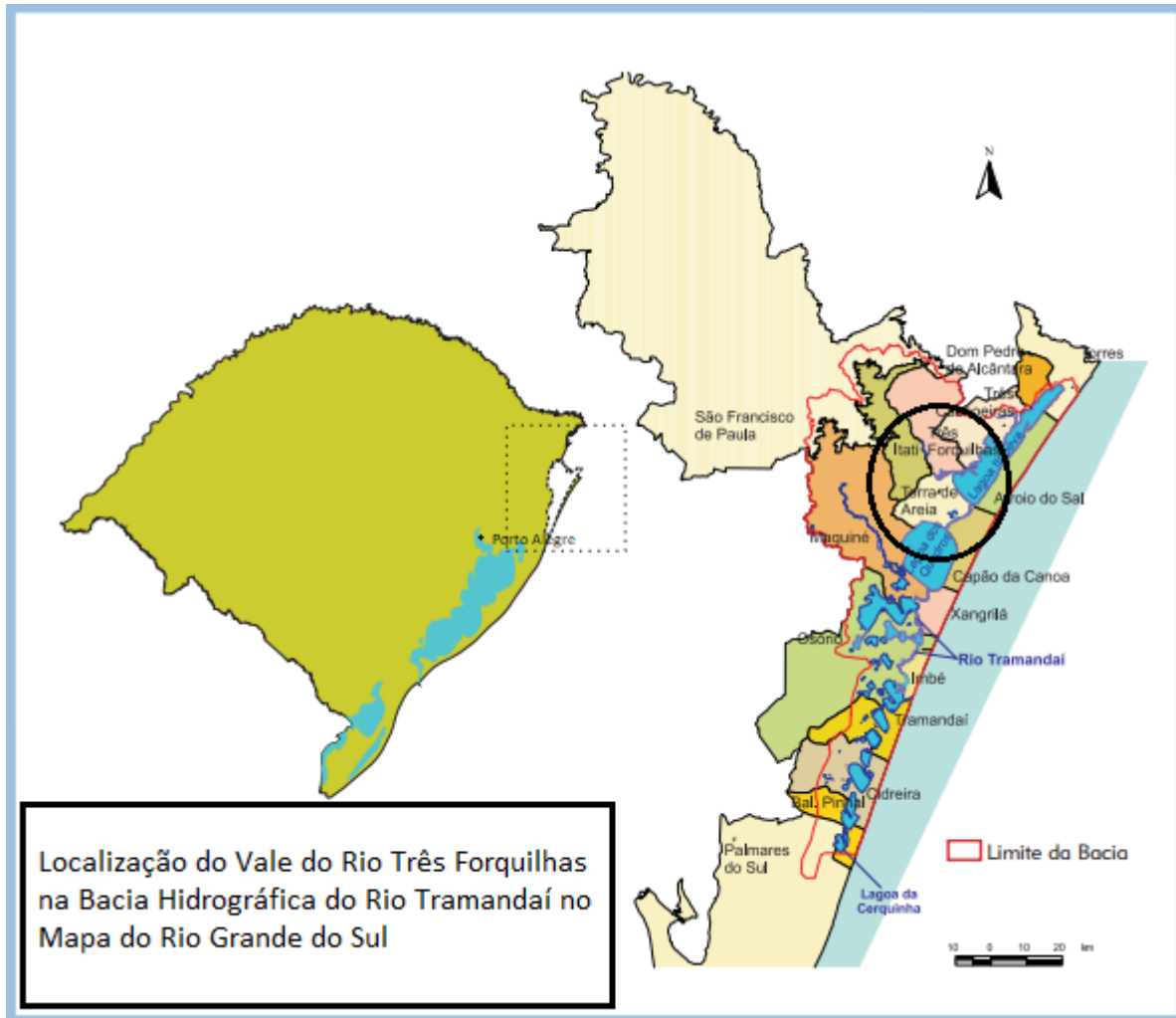
P.N.A.E. – Programa Nacional de Alimentação Escolar

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	VIII
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 RELAÇÕES COMERCIAIS, POLÍTICAS E SOCIAIS DITANDO O APRENDIZADO E USO DA LÍNGUA OFICIAL.....	25
2.1 SUPOSTO ISOLAMENTO DA COLÔNIA COMO ESTRATÉGIA PARA NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS E COMERCIAIS.....	25
2.2 CONSTANTES INVASÕES, OCUPAÇÕES E CONFLITOS ARMADOS NA COLÔNIA, CONTRIBUINDO PARA O AUMENTO DO CONTATO COM A LÍNGUA OFICIAL.....	31
3 DIVERSIDADE ÉTNICA E OS DIFERENTES MODELOS DE EDUCAÇÃO NO VALE DO TRÊS FORQUILHAS.....	38
3.1 O CONVÍVIO INTER RACIAL DECORRENTE DA PRESENÇA DE INDÍGENAS, NEGRO(A)S ESCRAVIZADO(A)S, AÇORIANOS, MILITARES NORDESTINOS.....	38
3.2 A EDUCAÇÃO NO VALE DO TRÊS FORQUILHAS.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
FONTES.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a progressiva diminuição no uso e conseqüente perda da língua alemã na região do Vale do rio Três Forquilhas¹, que compreende os municípios de Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia, no litoral norte do Rio Grande do Sul.



Fonte: Plano da Bacia Hidrográfica do Rio Tramandaí.2005, p.2.

Por outro lado, busca elencar fatos que teriam contribuído para esta perda, anteriores ao período Vargas onde sabidamente houve forte repressão em relação ao uso da língua alemã no Brasil, acentuada pela entrada do País na II Guerra Mundial no eixo dos Aliados. O fato da língua alemã não estar mais presente no cotidiano da Colônia não significou a perda da identidade luterana, mas sim, constantes ressignificações desde a chegada dos primeiros imigrantes até os dias atuais. Para estudar este tema, que pode parecer corriqueiro, em se tratando do Brasil ser um País inter-racial e interétnico, peço licença

¹ O rio, seguindo seu curso anteriormente a desaguar na lagoa Itapeva, bifurca-se em três braços dando-lhe o nome de Três Forquilhas.

para discorrer sobre fatos da minha trajetória de vida que me instigaram a fazer esta pesquisa.

Sou natural da cidade de Aceguá², no extremo sul do Rio Grande do Sul. Morei até meus dezesseis anos no distrito da Colônia Nova, região de colonização russo-alemã, distante cinquenta quilômetros do município de Bagé. Estudei no jardim de infância dividido em duas turmas, de acordo com a idade, numa escola comunitária do Bairro I, e posteriormente o ensino de primeiro grau³ na Escola de 1º Grau Menno Simons⁴. Todo o ensino no jardim de infância era em língua alemã; desta forma, ao ingressar na escola, eu não falava a língua portuguesa. Para uma criança de seis anos, ir à escola numa pequena comunidade rural é um marco importantíssimo. Porém, constatar que na escola a sua professora da escola dominical fala em português causa certo desconforto. A estratégia de educação, o convívio comunitário e a didática utilizada nunca dificultaram o meu aprendizado da língua portuguesa. Assim, com meio ano de ensino, utilizando o antigo método da cartilha de letras, eu já era fluente no português. Finalizei o ensino fundamental em 1986, tendo aulas de alemão durante quase todo processo, interrompido apenas na sétima e oitava séries com a inserção das aulas de inglês. Para as aulas de alemão, as turmas eram divididas em dois grupos. Alunos descendentes de alemães e falantes da língua alemã, e alunos que não falavam nem conheciam a mesma. Desta forma, todos os alunos tinham contato semanal com a língua germânica, porém, aos não falantes o grau de dificuldade e as exigências eram menores. Os materiais como livros didáticos, filmes, fotos, etc., eram disponibilizados pelo consulado alemão.

Ainda no ano de 1986 participei do concurso de leitura que ocorria em todo o RS, no município de São Leopoldo. Havia três modalidades de concurso: alunos descendentes de imigrantes alemães lendo textos em alemão, alunos descendentes fazendo a leitura de textos no dialeto da sua comunidade e alunos não descendentes que aprenderam a língua germânica fazendo a leitura da mesma. Ao sair da minha microrregião pela primeira vez, a diversidade de dialetos representando as regionalidades e o número de participantes, me fez refletir sobre a proporção de comunidades de imigração alemã no RS. Espanto maior foi ouvir do cônsul alemão sobre a avaliação da

² Desmembrado de Bagé, Aceguá é elevado à categoria de município em 16/04/1996. O município é instalado em 1º/01/2001, constituído do distrito-sede. Em 13/12/2003, são criados os distritos de Colônia Nova, Minuano e Rio Negro. FONTE: IBGE.

³ Atual ensino fundamental.

⁴ A Escola Menno Simons era comunitária, única com o ensino fundamental completo na zona rural do distrito de Aceguá. Coordenada e administrada pelo conselho da Colônia, com diretoria e professores da comunidade menonita. Encerrou suas atividades no início da década de 2000, com a emancipação do município, tornando-se inviável sua manutenção com a concorrência das escolas municipais de ensino gratuito. Fonte: Arquivo museu Colônia Nova. Ata de reunião da comunidade decidindo pelo encerramento e fechamento da escola.

leitura apenas do dialeto do autor desta pesquisa: “*Que língua é essa? Não entendi absolutamente nada!*” Assim, acabei em segundo lugar, avaliado em relação à pronúncia das palavras e pontuação. Eu, no entanto, entendia a leitura dos demais dialetos.

Uma comunidade que investe tamanho peso na educação, de forma independente, sem contrapartida do Estado, com professores formados da Colônia⁵ para atuarem na educação local, com valores educacionais definidos e mantendo a tradição do cultivo da língua alemã, remete-nos ao ideário Menonita⁶. Retomamos, em breves linhas, a origem deste movimento. A origem dos menonitas data de 1525, em Zurique na Suíça, ao praticarem o primeiro batismo de fé, re-batismo, configurando a denominação anabatista. Este movimento espalhou-se pela Europa, chegando à Holanda, aumentando seus adeptos, bem como as perseguições. Menno Simons, sacerdote católico, em 1536 após chocar-se com o martírio dos anabatistas, abandona a Igreja Católica e torna-se um dos principais líderes da Reforma Radical, lançando em 1540 o Livro do Fundamento para orientação da fé anabatista e a expressão Menonita deriva do seu nome. Em 1788, 228 famílias migraram para a Rússia a convite da Czarina Catarina. Seguiram-se outras levas de imigrantes até 1861, colonizando imensas estepes desde a Ucrânia até a Sibéria. Ampliaram seus ideais de luta, mediante altas taxas de impostos como o direito de autoadministração, com todas as implicações de infraestrutura ligadas à organização civil das diversas colônias. Rumo ao ocidente, em fevereiro de 1930 chegaram ao Brasil os primeiros menonitas - 30 famílias - que se estabeleceram em Santa Catarina, no Vale do Krauel, a oeste do município de Ibirama. Por volta de 1934, grande parte destes imigrantes partiu para Curitiba, no Paraná, onde os campos abertos e planos, contrastando com a região montanhosa que habitavam em Santa Catarina, permitiam o uso do arado e a criação de gado. Hoje as comunidades menonitas da América Latina estão principalmente no Rio Grande do Sul (Aceguá), Santa Catarina (Witmarsum), Paraná (Curitiba, Palmeira, Lapa), São Paulo e no Paraguai. Também há grandes

⁵ Apropriando o conceito de Marcos Antônio Witt, “ quando escrito com a inicial em maiúsculo, o termo Colônia designa o empreendimento agrícola onde colonos foram assentados, o qual, com o tempo, foi elevado à categoria de vila e /ou cidade. Por sua vez, quando for redigido com a inicial em minúsculo, colônia terá seu significado vinculado à propriedade territorial recebida pelo imigrante onde morou, trabalhou e retirou sua subsistência. Dessa forma, a Colônia era dividida em muitas colônias” WITT, Marcos A. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2015. p.30.

⁶ Entre perseguições e gestos de tolerância, grupos isolados de menonitas fixaram-se na Suíça, EUA, Holanda, França, mas a maior parte refugiou-se na Prússia. Liberdade religiosa e isenção do serviço militar eram os ideais perseguidos pelos menonitas e a isto se deve também sua imigração para o Brasil. Com a 1ª Grande Guerra, em 1914, e a Revolução Bolchevique, em 1917, mais uma vez perseguidos e muitos mortos ou condenados a trabalhos forçados nos campos gelados da Sibéria, os menonitas ganham o mundo, atravessando penosamente o portão vermelho que os levava à Alemanha. Era, na época, uma comunidade de mais de 100 mil pessoas, desde o sul da Rússia até a fronteira com a China.

Fonte: Faculdade Fidelis/Fundação Educacional Menonita, disponível em <http://www.fidelis.edu.br> acesso em 20.08.2017.

comunidades menonitas no Canadá e Estados Unidos. As duas principais colônias menonitas, Colônia Nova (RS) e Colônia Witmarsum (PR), estabeleceram-se nos anos de 1949/1950 e 1951 respectivamente, após a compra de terras e posterior distribuição dos lotes.

O direito de autoadministração exigiria uma prática e organização político administrativa por parte dos imigrantes, incluindo despesas com a manutenção interna da Colônia, na administração de bens de família, no amparo às viúvas, aos órfãos e outros carentes, proteção e combate contra incêndios, construção e manutenção de escolas, estradas, hospitais, etc. Esta forma distinta de viver isoladamente dos grandes centros urbanos, com autonomia administrativa e boa independência do mundo exterior, como suas escolas e igrejas exclusivas, contribuíram para o desenvolvimento de uma língua própria: o *Plautdietsch*⁷. Descendente de imigrantes menonitas⁸, aprendi duas línguas anteriormente ao português: o *Hochdeutsch* (alemão oficial), usado na escola dominical, cultos e eventos oficiais organizados pela comunidade, e o dialeto menonita usado no dia a dia. O primeiro contato com o *Plattdeutsch* como língua escrita ocorreu na oportunidade de participar no concurso estadual de leitura mencionado anteriormente.

Ao verificar um cenário de isolamento por opção dos menonitas, arcando com altos impostos para o Estado, além da responsabilidade em desenvolver a Colônia para corresponder administrativamente em todas as demandas geradas pela mesma como estradas, hospital, escola, logística, responsabilidade social, seria difícil imaginar vestígios de prosperidade tais como os descritos em estudo realizado na década de 1960 pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), ao relatar que “Witmarsum é um exemplo que pode ser seguido. É um próspero jardim plantado em áreas já taxadas de impróprias para a imigração por colonizações anteriores”⁹. Da mesma forma, as demais colônias prosperaram igualmente. Isso se deve a outra característica presente nas Colônias menonitas: o associativismo¹⁰ e cooperativismo. Estabelecidos em áreas distantes dos

⁷ Plautdietsch é um dialeto menonita, mesclado com traços do holandês e alemão, partindo de um dialeto falado no norte da Alemanha. É uma língua utilizada no cotidiano, sendo a língua alemã utilizada em eventos religiosos, culturais e oficiais. Possui vocabulário próprio, muito rico em expressões, simples na gramática, mas complicada na escrita. Foi utilizada no Brasil pelas comunidades menonitas nas liturgias religiosas para driblar a proibição do uso da língua alemã.

⁸ Meus bisavós maternos e paternos moravam no povoado menonita na Rússia de onde fugiram para o Brasil. Minha mãe nasceu no primeiro assentamento menonita em SC, já meu pai nasceu em Curitiba para onde deslocaram-se boa parte dos primeiros imigrantes. Tanto maternos como paternos, meus avós mudaram para a Colônia Nova, após a aquisição da fazenda para o novo assentamento menonita.

⁹ Ver: *Campos Gerais: Estruturas Agrárias*. Curitiba, UFPR, 1968. p.VII, VIII.

¹⁰ As formas de organização coletiva no meio rural existem no Brasil desde o período colonial, nas práticas de ajuda mútua, mutirões, troca de serviços e que persistem até hoje em várias regiões do País. Para enfrentar os processos de exclusão frente aos mercados dos grandes produtores rurais e a intensidade do êxodo rural, diversos agricultores familiares e trabalhadores rurais têm se organizado através do trabalho coletivo, visando enfrentar as exigências de produção do modelo agrícola atual ou lutando conjuntamente por mudanças neste modelo, organizando-se através de

maiores centros consumidores, optando por atividades rurais que agregassem valor aos seus produtos necessitando de volumes expressivos para serem comercializados, a opção pela produção leiteira oferece esta possibilidade. O cooperativismo favorece na comercialização dos produtos, na oferta de insumos para produção, na assistência técnica, gerando divisas para o município e melhorando a qualidade de vida no campo. As cooperativas Witmarsum¹¹ e CAMAL¹² servem como exemplos precursores de outros que seguirão no curso da História dos menonitas. O uso do dialeto distinto, a forma de vida caracterizada pelo isolamento político e comunitário, a fundação de cooperativas para facilitar a comercialização e o estilo pacifista dos menonitas serão marcos destoantes do nosso objeto de estudo representado pelos imigrantes alemães luteranos no Vale do Três Forquilhas; sendo estes participantes ativos da política partidária no Estado, aderindo ao uso das armas e participando como voluntários de vários confrontos, usuários de um dialeto praticado por várias comunidades de origem alemã e optando pela comercialização intermediada por comerciantes da própria comunidade.

No ano de 2001, morando em Mato Grosso, atuei no projeto de extensão rural¹³ liderado pela Comissão Pastoral da Terra¹⁴ (CPT), onde tive o primeiro contato com lideranças luteranas, seja nos treinamentos e capacitações, nas assembleias anuais e nos encontros com as comunidades rurais. O caráter de extensão rural exercido pela CPT era na verdade uma tentativa de preencher o espaço deixado pelo Estado, naquilo que seria sua responsabilidade. Assim, a igreja ocupa esta lacuna, praticando a extensão rural aliada a processos de evangelização. Mesmo assim, novamente apresenta-se um questionamento: o destaque da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a ausência da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) na CPT, como consta no

associações. Busca-se, assim, transformar, através da união, os pequenos agricultores dispersos, em uma força coesa, principalmente nas relações políticas e econômicas, especialmente nas esferas da comercialização (de insumos e produtos), do processamento primário (leite, frutas, verduras e carnes, principalmente), da prestação de serviços, etc. Ver: VELLA, Hugo Aníbal G. et al. *A diversidade do associativismo na região do COREDE-Centro/RS e sua importância para o desenvolvimento regional*. Estudo de caso. Santa Maria: UFSM, 1999.

¹¹ Localizada na Colônia Witmarsum/Palmeira (PR), fundada em 1952 a partir da compra da antiga Fazenda Cancela, é referência na produção de queijos finos, além da produção de grãos, rações para produção de gado de corte, leiteiro, aves de corte e suínos.

¹² Criada no final da década de 1950, após mudança no projeto produtivo do plantio de trigo para a produção leiteira, tem como atividade principal a comercialização de leite, grãos e rações para gado de corte e leite.

¹³ Segundo Marcus Peixoto é possível conceituá-la de três formas diferentes: como processo, como instituição e como política. Assim é possível transmitir conhecimentos, educar de forma comunicativa e estender através de políticas públicas a melhoria da produção ao público rural. Ver: PEIXOTO, Marcus. *Extensão Rural no Brasil - Uma Abordagem Histórica da Legislação*. Senado Federal: Brasília, 2008.

¹⁴ Em resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, devido à exploração do trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam, nasce em 1975, em Goiânia, num grande encontro convocado pela CNBB a CPT. Nasceu ligada à Igreja Católica, porém adquiriu caráter ecumênico tanto pelos agentes trabalhadores como o público atendido. A IECLB destacadamente atua junto à pastoral, por vezes revezando a direção nacional. Fonte: <https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico> Acesso em 30.10.2017.

histórico de fundação da instituição. Seria uma falha no histórico da redação em especificar uma igreja luterana em detrimento da outra? Nos municípios onde morei, era muito comum haverem as duas denominações luteranas, o que alerta para um estranhamento. Da mesma forma, só quando morei no estado do Paraná, constatei que também havia duas igrejas menonitas; a Igreja Evangélica Menonita (IEM) e a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM).

Portanto, apesar dos mesmos interesses prevalecerem de ambas as denominações religiosas, houve rupturas no processo histórico que as diferenciaram e estes processos evangelísticos defendidos como missão das igrejas evangélicas aqui citadas, com o claro objetivo de ampliar seu número de fiéis, contribui com as relações interculturais, rompendo com o isolamento das comunidades etnicamente fechadas. Segundo Weber (2006), as identidades podem somar-se para compor uma mais abrangente, ou dividir-se para afirmar especificidades. Assim, a etnicidade é resultado da interação social propiciando a construção e reelaboração de novas identidades num contexto interétnico¹⁵.

No ano de 2008 mudamos para o município de Terra de Areia no litoral norte do RS. Neste, a paróquia¹⁶ luterana existente é da IELB, ao passo que a paróquia do município de Itati pertence à IECLB. Novamente trabalhando na extensão rural, agora com vínculo funcional (EMATER/ASCAR-RS), tive a oportunidade de conhecer e me aprofundar na história da colonização pelos imigrantes alemães luteranos no Vale do Três Forquilhas. Posteriormente, como membro da IECLB, atuei na diretoria da igreja em Terra de Areia e na participação ativa da comunidade religiosa.

A formação da Colônia alemã de Três Forquilhas inicia com a chegada da última carreta de colonos em novembro de 1826. Após um longo período de espera, acantonados em torno do destacamento militar do município de Torres, o Tenente-Coronel Paula Soares, acatando ordens do presidente da província Gordilho de Barbuda, decide por assentar dezesseis famílias de colonos alemães protestantes às margens do rio Três Forquilhas. Para iniciar o projeto de colonização dividiu-se a área em quatro núcleos bem distintos; dois a margem leste e dois a oeste do rio, que seriam utilizados posteriormente na inserção de novos colonos que chegariam nos anos de 1827 e 1828. Após quase dois séculos, hoje o vale compreende os municípios de Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia; os dois primeiros muito parecidos, rodeados por montanhas com uma natureza

¹⁵ WEBER, Regina. *Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações*. Espírito Santo: UFES/Dep.História, 2006, p246.

¹⁶ Delimitação territorial de uma diocese sobre a qual prevalece a jurisdição espiritual de um pároco; paroquiato. Fonte: Dicionário Aurélio.

exuberante, enquanto o último possui peculiaridades referentes ao solo e à navegação, fundamentais para a implantação da colonização no vale. Apesar dos municípios de Itati e Três Forquilhas ainda possuírem boa parte da sua população descendente das famílias dos imigrantes fundadores, percebe-se que diferentemente da manutenção da religião que hoje compreende as igrejas IECLB e IELB, as festas tradicionais como, por exemplo, a festa do Kerb e de Ação de Graças, a preservação do linguajar alemão pouco é percebido na localidade, diferentemente de outras regiões do estado ou do país.

Outro dado importante diz respeito ao número de habitantes destes municípios, onde dois deles possuem uma população total de menos de três mil habitantes e em declínio ao longo dos anos, enquanto Terra de Areia possui uma população total de aproximadamente dez mil habitantes e em ascensão¹⁷. Por outro lado, a demarcação de reservas florestais e ecológicas principalmente no município de Itati, tem inibido a produção agropecuária, conseqüentemente a exploração das áreas ocupadas por florestas. Já o município de Terra de Areia, possui maior diversificação na produção agropecuária, além de ser um polo comercial, industrial e de prestação de serviços microrregional. Sua localização estratégica favorece a logística tanto para a serra gaúcha como norte e sul do estado, além do acesso ao litoral norte gaúcho.

Colonizada por imigrantes alemães, a língua que se falava na Colônia Três Forquilhas era estritamente o alemão. Além disso, as colônias no seu entorno também foram colonizadas por colonos alemães, no entanto, estes eram católicos.

Inicialmente a escola e a igreja funcionavam no mesmo local. As aulas eram ministradas por professores da comunidade local, presididas principalmente pelo pastor. Tanto as aulas como o culto eram dirigidos na língua alemã oficial, enquanto em casa, no comércio e demais locais públicos falava-se em dialeto alemão (*Hunsrück*). Para relacionarem-se com os chamados, por eles, “brasileiros¹⁸”, não era raro os nativos serem convencidos a exercitarem a língua alemã. Há relatos de várias famílias que, ao virem morar na colônia aprenderam a falar o alemão fluentemente bem como ensinaram-no para as futuras gerações.

¹⁷ Fonte IBGE, censo 2010.

¹⁸ Como “categoria étnica”, o grupo dos “brasileiros” distingue-se dos grupos “de origem”. “Esta classificação, presente nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, sobrepõe-se à tradicional classificação que divide a sociedade brasileira em brancos e negros. “Brasileiros” entende-se por luso-brasileiros e engloba tanto negros, índios e mestiços, quanto brancos descendentes de portugueses. “De origem” pressupõe apenas determinadas origens europeias”. Ver: WEBER, R. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FÉLIX, Loiva Otero. *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2002. p. 207-215. p. 209 e 210.

Porém, esta língua perdeu-se com o passar dos anos. Quando saí da Colônia Nova para morar na capital gaúcha, em 1990, chamavam-me atenção as rodas de conversa de pessoas oriundas de imigração alemã que mantinham o costume de falarem no seu dialeto local, principalmente nas visitas hospitalares e na estação rodoviária. Este hábito, no entanto, pouco observa-se na comunidade luterana do Vale do Três Forquilhas (VTF). Nas festas e eventos da igreja, raramente alguém fala alguma palavra do dialeto *Hunsrück*¹⁹. Do contrário, nos eventos organizados pela igreja menonita (Colônia Nova), o dialeto *Plautdietsch* ainda está muito presente, concentrado nas gerações mais velhas, mas falado e/ou compreendido pelas gerações mais novas.

Participando da diretoria da IECLB na comunidade de Terra de Areia, pertencente à paróquia de Itati, e sendo convidado para atuar numa das festas da colheita como festeiro²⁰, ampliei minha “observação participante”²¹ em relação à fala, costumes, tradições, hábitos presentes na comunidade. Assim despertou o interesse pela presente pesquisa. Por que uma comunidade tradicional, originada numa região aparentemente isolada, mantendo boa parte da sua descendência a partir dos imigrantes alemães colonizadores, seguindo sua vocação agrícola, herdeiros de um dialeto bastante popular no Brasil e mantenedores da confissão religiosa luterana, perderam esta língua alemã, e junto com ela parte da sua cultura?

Ao perguntarmos sobre o que aconteceu com a língua alemã no Vale do Três Forquilhas, sendo o terceiro local de colonização alemã no Rio Grande do Sul no Primeiro Reinado junto com o atual município de Dom Pedro de Alcântara, todos responderam da mesma forma. A língua alemã terminou tendo como motivo a II Guerra mundial. Esta trouxe repressão aos colonos descendentes, proibições, constantes perseguições e vigílias à colônia²². No entanto, sabemos que vários municípios gaúchos colonizados por imigrantes alemães passaram por reelaborações de seus costumes, tradições, e da

¹⁹ Por *Hunsrückisch* entendemos, de acordo com Altenhofen, uma variedade dialetal do alemão originária da região da Renânia Central, na Alemanha, que aqui assumiu traços particulares do contato com o português e outras variedades de imigração. KICH, Fabiane Alexandra. *O bilinguismo do meu aluno: reflexões teóricas para o ensino de alemão em contextos bilíngues de contato Hunsrückisch-Português*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p.1.

²⁰ Festeiros são geralmente casais da própria igreja, representantes das comunidades pertencentes à paróquia, responsáveis pela organização das festas da colheita e do *Kerb*, participando de todas as reuniões que antecedem o evento com a diretoria, recolhendo donativos, divulgando e convocando a participação dos membros e comunidade geral.

²¹ A “observação participante” a partir de Malinowski preconizava a coleta de material etnográfico, onde o pressuposto básico é viver na comunidade pesquisada e a posterior análise dos dados, com o objetivo de realizar conexões entre observação e participação e seus dilemas. Atualmente, “olhar o outro, observar estando lá” em nome da objetividade segundo Gertz é o idealizado na observação participante. Ver: DE JESUS, Fátima Weiss. “*Ser afetada*”? *Implicações de uma antropóloga em campo*. Florianópolis: PPGAS-NIGS-UFSC, 2010.

²² Ver: GERTZ, René E. Dilemas para escrever uma história da imigração e da colonização alemãs. In: *Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo*. São Leopoldo: OIKOS, 2010. p.247-264.

língua alemã²³. Seria possível a II guerra mundial ser o único fator responsável? Novamente busco no método comparativo²⁴ com a comunidade menonita a justificativa para este questionamento. Resultado de um projeto de imigração mais de um século posterior aos luteranos assentados no VTF, os menonitas sofreram as mesmas consequências do ensino nacionalizador, da proibição do uso da língua alemã nos cultos, liturgias, reuniões comunitárias, lares e da institucionalização da língua oficial na campanha de nacionalização do governo Vargas. Especificamente tratando da Colônia Nova, pertencente à época ao município de Bagé, esta campanha teria apoio maciço do Estado; por tratar-se de área de fronteira federal com presença de numeroso efetivo militar distribuído em cinco quartéis no município. No entanto, no caso dos menonitas as proibições ocorreram de forma mais acentuada logo na sua chegada e posterior instalação no Vale do Ibirama em Santa Catarina. Há relatos de proibições no uso da língua em todas as Colônias menonitas. Por outro lado, perseguições, vigílias e acampamentos de militares e demais retaliações não são referidas pelos descendentes de imigrantes menonitas.

Para a confecção deste trabalho utilizei inicialmente os registros próprios, obtidos pela prática da observação participante desde o ano de 2008, quando fixei residência em Terra de Areia, até os dias atuais (2017). Os registros foram aperfeiçoados e ampliados com meu ingresso no curso de licenciatura em História na UNICNEC/Osório em 2011. A experiência, ou *Erfahrung*, aquilo que me acontece (*was mir passiert*), na tradução literal, com a minha vivência, *Erlebnis*, nas duas colônias menonitas, posteriormente o trabalho na extensão rural na CPT e em quatro municípios no vale do Araguaia Mato Grosso, seguido das experiências no estado do Paraná, e finalmente minha atuação e participação efetiva na comunidade luterana no VTF, foram somadas à análise dos documentos oficiais da Paróquia da IECLB de Itati, aos arquivos públicos relacionados à Colônia das Torres e à a bibliografia especializada relacionada à História do Vale, ainda que com poucos títulos, buscam dar consistência a esta pesquisa.

Trabalhar uma metodologia nomeada como “antropologia implicada”, baseada no estudo etnográfico e utilizando o recurso da observação participante, requerem comprometimento ético tanto do pesquisador como do objeto pesquisado. Segundo Fátima W. de Jesus,

²³ Sobre a questão linguística, ver: KREUTZ, Lúcio. Igreja, Estado e processos educativos na imigração alemã, no RS. In: *Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.265-278.

²⁴ Segundo Marc Bloch: “Praticar o método comparativo, é pois, em ciências humanas – (...) – procurar, para as explicar, as semelhanças e diferenças patenteadas por séries de natureza análoga, tirada de meios sociais diferentes”. BLOCH, Marc. Comparação. In: **História e historiadores**: textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Teorema, 1995, p.114.

(...) a posição de uma antropologia implicada nos termos de uma “participação observante” (ALBERT, 1995), toma para si questões políticas, mas vai além destas, pois desloca o lugar de “observador” independente da realidade política e social que observa. Assim coloca a participação do antropólogo no próprio campo como objeto de reflexão antropológica²⁵.

Na verdade, definir etnografia não é difícil, mas sim, precisar quais informações devem ser registradas para a construção da pesquisa. Da mesma forma, ao utilizarmos o recurso da observação participante, entraremos em contato com a memória coletiva da comunidade analisada. Segundo Saturnino:

(...) não é harmoniosa a relação que se estabelece entre a memória individual e coletiva, ou seja, o lugar onde os sujeitos produzem as suas lembranças não se constitui como um espaço conciliador, uma tranquila via de mão dupla através da qual as referências individuais e sociais se deslocam, cada uma a seu tempo, em direções definidas e complementares. Este lugar deve ser considerado mais como um campo de luta, onde continuamente se instala um conflito entre a maneira como os sujeitos atribuem sentidos às suas vivências anteriores e o modo como essas experiências podem ser inscritas em padrões mais amplos no presente. A tensão, neste caso, fica por conta da dificuldade do sujeito em produzir um conjunto de reminiscências com as quais ele possa conviver e que ao mesmo tempo encontrem aceitação social, memórias que atendam as suas expectativas pessoais num mesmo movimento onde obtenham o reconhecimento público²⁶.

Buscando material bibliográfico que trate sobre a história da colonização do vale do Três Forquilhas, temos como autor com maior número de publicações Elio Eugenio Müller. Müller era pastor luterano da IECLB, coronel capelão R/1 do Exército Brasileiro, capelão virtual da WEB e escritor. Era membro da Academia Virtual Brasileira de Letras (AVBL) e da Academia de Letras dos Municípios do Rio Grande do Sul (ALMURS); foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul. Autor de dez livros tratando especificamente da história da colonização alemã no V.T.F., pastor Elio nasceu no município de Panambi – RS, e possuía uma propriedade em Itati (sítio da Figueira). Ao consultar a vasta bibliografia do autor acima, as tensões entre a memória individual e coletiva figuram em vários momentos. As contestações, contradições, divergências em relação aos registros do pastor quando confrontados com os relatos dos moradores nem sempre contemplam a representação, as memórias, testemunhos e anseios coletivos. Comentários como: “é, no livro do pastor Élio diz isso mas, na verdade o que aconteceu não foi bem assim... ou, no livro fala desta forma mas eu já conversei pessoalmente com o pastor Élio e disse a ele que está errado; na verdade o que ocorreu foi...”, comprovam que não há consenso na aceitação social e que as memórias descritas pelo autor, mesmo que atendam suas expectativas, contrariam

²⁵ Ver De JESUS, Fátima W. *Ser afetada? Implicações de uma antropóloga em campo*. Florianópolis: UFSC, 2010.

²⁶ SATURNINO, Edison Luiz. *Imagem, memória e educação: um estudo sobre modos de ver e lembrar*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2005. p. 111. Dissertação de mestrado. Disponível em https://sabi.ufrgs.br/F/LAS5XX6DXLRB1VGRGCCFHBE864IYH22TV1FITL4HAB29KJX9VY-09606?func=full-set-set&set_number=017969&set_entry=000003&format=999 acesso em 20/07/2017.

outras memórias individuais e/ou coletivas. Segundo Jenkins, é preciso pesquisar outros historiadores numa abordagem metodológica capaz de comparar, verificar causas, consequências, semelhanças e diferenças, continuidade e mudança de um acontecimento num determinado tempo. Ao analisar a escrita de novos autores, é possível reescrever a história composta por uma sincronia de acontecimentos a partir de um contexto social movido por inúmeras questões²⁷. Assim, novos fatos, autores, e fontes bibliográficas foram acrescentadas à pesquisa. Como contraponto à interpretação de vários autores²⁸ da prática de isolamento e abstencionismo político dos imigrantes e descendentes no VTF, utilizaremos a tese do historiador Marcos Antônio Witt²⁹. Para tratar dos diversos conflitos, divergências políticas e ideológicas apontadas por outros autores serão acrescentadas obras do historiador Carlos Henrique Hunsche(1977), da historiadora Nilza Huyer Ely(1996) e do pastor Elio Eugenio Müller(2009, 2012, 2015).

Dos vários envolvimento dos imigrantes em ações militares, sendo um dos mais marcantes para a Colônia a Revolução Federalista (1893-1895), esta desencadeou o primeiro choque no final do século XIX entre os castilhistas e federalistas³⁰. As tropas federalistas invadem a colônia e lá se instalam, impondo pela primeira vez um regime de perseguição, repressão e proibições. Várias famílias sentiram-se acuadas e começaram a se familiarizar com a língua portuguesa para fugirem da perseguição.

No entanto, com a vitória posterior dos republicanos, a colônia volta à normalidade. Seus cultos, aulas, cantos e vida social são retomados; entretanto, algumas famílias já não praticam a língua da mesma forma com medo de futuras retaliações³¹.

A partir do ano de 1937 com a política do Estado Novo implantada no governo Vargas e mais precisamente em janeiro de 1942 quando o Brasil declara guerra ao eixo formado pelos países da Alemanha, Itália e Japão, os problemas na Colônia Três Forquilhas se agravaram. Já no ano de 1939 houve o decreto da proibição do uso da língua alemã. É preciso lembrar que os pastores que atuavam nas comunidades evangélicas vinham da Alemanha, trabalhando na formação espiritual e escolar dos seus membros, já que apenas a religião católica era considerada oficial até o final do Império, e

²⁷ JENKINS, Keith. Construindo a História no mundo pós-moderno. In: *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2004. p.93-108.

²⁸ MÜLLER, Elio E., HUNSCHE, Carlos H., HANDELMANN, Heinrich.

²⁹ WITT, Marcos A. *Em busca de um lugar ao sol: Estratégias Políticas*. São Leopoldo: Oikos/Ed. Unisinos, 2015.

³⁰ Federalistas caracterizavam-se como partidários do monarquismo e defensores do parlamentarismo. No entanto, a subida dos republicanos ao poder com o fim da monarquia significou o total isolamento político dos federalistas. Ver: KÜHN, Fábio. *Breve história do RS*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p.112.

³¹ Ver: *Jornal Sinos da Comunhão*, Número 8, São Leopoldo, dezembro/2016.

apenas a partir de 1946 o Sínodo Riograndense assumiu a formação teológica com a criação da Escola de Teologia³².

Primeiramente precisamos considerar o que significava para estas famílias tal proibição. Vários colonos não dominavam a língua portuguesa, e alguns mantinham seus laços de afinidade com a Alemanha; além disso, nenhum governo preocupou-se em inseri-los numa identidade nacional. Como celebrar o culto sem utilizar toda liturgia existente para o mesmo? Inicialmente a proibição não foi respeitada, no entanto no momento em que o Brasil ingressa na guerra as dificuldades aumentam substancialmente. No ano de 1942 o subdelegado Tácito Fernandes entra na colônia, instala-se na casa paroquial e começa a cumprir as ordens do governo Getúlio e procurar por “quinta-colunistas”. A proibição do uso da língua é total; todos os registros escritos em alemão foram destruídos salvando-se alguns que foram escondidos, bíblias escritas em alemão foram queimadas, casas eram vigiadas e os pastores alemães que não optaram pela cidadania brasileira precisaram abandonar suas paróquias. Como maior gesto de intolerância há que se destacar a destruição de lápides no cemitério que possuíam suas inscrições em língua alemã e estilo gótico. Não bastassem tais atos, vários nomes e sobrenomes de origem alemã foram abrasileirados por ordem compulsória ao escrivão, como Capaverde (*Gruenmantel*) que possivelmente é a tradução mais grosseira³³.

Com certeza há uma pluralidade de significados e desdobramentos para os eventos acima descritos, como podemos destacar o engajamento político do pastor Augusto Kunert e sua batalha por uma política humanitária pós II Guerra Mundial e a formação teológica para instrução de pastores brasileiros, iniciado em 1940 sob a organização do pastor Hermann Gottlieb Dohms. O impacto produzido pela intolerância pelo Estado em relação ao uso da língua alemã afetou violentamente as comunidades luteranas. Com reduzido volume de bíblias traduzidas para o alemão, sem hinários para as liturgias e na falta de pastores, os poucos restantes dedicaram-se a defender seus fiéis tanto na instância religiosa, quanto política, criminal e social. Da mesma forma, a IECLB visando ampliar sua missão evangelística busca formar novos obreiros para o Sínodo Riograndense. Este projeto visava a formação básica para ingresso de alunos brasileiros em universidades na Alemanha. O projeto de nacionalização do governo Vargas acelerou esta formação, que se resumiu no período do Estado Novo na reposição de pastores nas comunidades.³⁴

³² Ver: Jornal Sinos da Comunhão, Número 3, São Leopoldo, julho/2016.

³³ ELY, Nilza H. *Imigração alemã: 170 anos. Vale do Três Forquilhas*. Porto Alegre: EST, 1996. p.86.

³⁴ MALSCHITZKY, Harald. *Formação Teológica*. São Leopoldo: Jornal Sinos da Comunhão, nº191, ano XIX, 2017.

Com o término da guerra, a colônia volta à normalidade, mas a prática da língua alemã já não é mais o mesmo. Várias famílias já não cultivam o hábito de falarem o alemão como nos confirmam os relatos da comunidade. Os cultos e liturgias também não são mais realizados nesta língua³⁵. A escola que era da comunidade, agora é do estado e nem todos os professores que a compõem são oriundos da comunidade local. Ainda assim, algumas famílias não deixam o hábito da fala do dialeto alemão³⁶ (*Hunsrück*).

Apesar disso, outros fatores interferem na preservação da língua, como a dificuldade em se relacionar com os demais colegas “brasileiros”, servindo de motivo de chacota ao não saberem expressar-se na língua oficial e o fato de serem constantemente tachados como “quinta-colunistas” (traidores). Isso faz com que os jovens comecem a negar sua identidade mesmo conhecendo a língua alemã. A última justificativa relatada constantemente pelos descendentes é a miscigenação, pois a comunicação nas famílias fica prejudicada numa determinada língua com a presença de uma maioria que não a conhece, neste caso, a maioria comunica-se em português.

A partir das descrições dos desdobramentos relacionados à campanha de nacionalização do governo Vargas as quais estão presentes na memória coletiva do VTF, tal fator poderia ser conclusivo, visto tamanho aparelho repressor do Estado contribuir substancialmente com a perda da prática e uso da língua alemã. Por outro lado, segundo Saturnino,

A seleção do conteúdo que merece ser lembrado resulta constantemente atualizada pelos projetos de identidade e passados que os sujeitos se propõem a produzir, e por isso mesmo constitui-se em mecanismo vulnerável às transformações de uma sociedade que nunca cessa de lhe informar as experiências dignas de serem aproveitadas e aquelas a relegar ao descarte³⁷.

Ao observar outros projetos de colonização, constatamos que há relatos de regimes de repressão na Rússia, sofridos pelos menonitas, porém estes não relacionam-se à proibição de determinada língua. Independente da campanha nacionalista iniciada na década de 1930, conforme observamos nos registros eclesiásticos da Colônia de Três Forquilhas, o uso da língua alemã havia diminuído e a língua oficial incorporara-se bem anteriormente ao regime varguista. A repetição de uma mesma história, presente na memória coletiva local da Colônia, pode representar a construção de uma verdade capaz

³⁵ Conforme os registros eclesiásticos da IECLB – Paróquia de Itati, a partir do ano de 1951 as inscrições mudam da língua alemã para o português com o pastor August Ernst Kunnert. O mesmo atuou na Colônia Três Forquilhas de março de 1948 a julho de 1956.

³⁶ Segundo relatos da professora Lecy Dorotéia Pereira de Souza, descendente das famílias Becker e Maschmann, e descendente do mestre pedreiro José Pereira de Souza, uma entusiasta pela manutenção da memória de seus antepassados, o hábito do uso do dialeto restringia-se ao ambiente familiar neste período.

³⁷ SATURNINO, Edison L. 2005. Op Cit. p.115.

de silenciar algo que já se perdera, mas que sob a responsabilidade do Estado, ficou consolidada.

Ainda cogitando outras hipóteses com relação à perda da língua alemã no VTF, intensifiquei minhas pesquisas na busca de sinais, elementos que direcionassem meu objeto de pesquisa. Era preciso não basear-se naquilo que normalmente nos salta aos olhos, facilmente detectável, mas sim, examinar os pormenores, o que é descartado pela memória coletiva, seja por esquecimento ou pelo silêncio. Buscava eu indícios que me conduzissem a outras explicações³⁸.

Em relação ao quadro teórico, analisaremos com o conceito de poder de Michel Foucault³⁹, as relações de poder centrado nas famílias tradicionais e em ascensão, principalmente a família Voges, a forma como este é subdividido pelas lideranças na Colônia, mesmo que estas não necessariamente sejam imigrantes ou descendentes deles, culminando com os registros históricos do pastor Elio E. Müller, a quem a bisneta do pastor Voges havia outorgado, segundo o próprio autor, o título de guardião espiritual do povo do VTF (*geistlicher Guardian*). O conceito de estratégia de Michel de Certeau⁴⁰ é apropriado para verificar as táticas e mecanismos para organizarem o desenvolvimento e manutenção da Colônia, acompanhando os movimentos políticos federais e estaduais que poderiam afetá-la. Por fim, utilizaremos o conceito de memória e identidade social de Michael Pollak⁴¹, defendendo que a memória é um fenômeno construído social e individualmente e elemento constituinte do sentimento de identidade. Vários outros aportes teóricos estarão presentes ao longo do texto, vinculados a pontos específicos. Da mesma forma, procedimentos metodológicos são abordados ao longo deste trabalho, na medida que fontes de diferentes padrões são utilizadas.

A partir dos sinais que poderiam responder os questionamentos, dividimos o trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo abordaremos as relações comerciais que a colônia mantinha com as regiões vizinhas, demandando relações sociais e uma forte atuação política pelas lideranças da Colônia, refutando a tese do isolamento. Ainda trata do histórico militar dos colonos, desde as primeiras imigrações. O tema dos dois tópicos dizem respeito à obrigatoriedade no uso da língua portuguesa.

O segundo capítulo identifica a diversidade étnica presente desde o início de formação da Colônia, o convívio inter-racial resultante da busca de soluções de

³⁸ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p.143-179.

³⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁴¹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, nº10, 1992.

problemas relacionados à vida comunitária e os desdobramentos deste convívio, além de observar como a educação no VTF mudou da língua alemã para a língua portuguesa anteriormente ao período varguista.

O leitor poderá observar que o período coberto pela pesquisa é bem amplo, pois há recuos ao século XIX, quando será fundada uma das colônias em estudo, e, por outro lado, os questionamentos que motivaram esta pesquisa partiram de constatações (observações) relativamente recentes. O fato do estudo focar um núcleo formado por imigrantes cuja população permanece reduzida certamente facilita este recorte temporal que vai e vem no tempo, e ampara-se na memória local e coletiva. Este recuo tornou-se necessário porque a problemática tratada enfoca processos culturais que ocorrem ao longo de gerações.

2. RELAÇÕES COMERCIAIS, POLÍTICAS E SOCIAIS DITANDO O APRENDIZADO E USO DA LÍNGUA OFICIAL

Mais ou menos ao tempo de São Leopoldo, quase na mesma latitude, porém mais a leste, promoveu o Imperador D. Pedro I a fundação de mais duas colônias agrícolas, das quais uma, a Colônia das Três Forquilhas, no arroio do mesmo nome, com imigrantes alemães do norte, protestantes; a outra, a Colônia das Torres, não distante da povoação costeira do mesmo nome, com alemães católicos do sul. Ambas dispõem de solo fértil; contudo em progresso e riqueza, ficam muito atrás de São Leopoldo. Ao passo que às vizinhanças da capital da província, Porto Alegre, garantiram a São Leopoldo lucrativa venda de seus produtos, essas duas outras, por sua posição no interior deserto e por seu afastamento, ficaram excluídas de todos os grandes mercados; e, ao que parece, até aqui não se deu o mínimo passo para lhes abrir as necessárias comunicações pela construção de estradas rurais; nem há um serviço de correio regular, tanto que o governo regular provincial recebe, muitas vezes com atraso de um ano, uma comunicação oficial. O estado em que se acham ambas as colônias, das Três Forquilhas e de Torres, as duas juntas com população aproximada de 1000 almas, é, portanto, lastimável; se os habitantes tem o necessário para a subsistência, entretanto, pela impossibilidade de saída regular dos produtos, falta-lhes o estímulo para incitá-los a ativos trabalhadores de lavoura e industriais; cortadas as colônias de toda a comunicação, com a gente da província e com a velha pátria, elas permanecem como que enterradas no mato, devendo necessariamente degenerar espiritualmente⁴².

2.1 SUPOSTO ISOLAMENTO DA COLÔNIA COMO ESTRATÉGIA PARA NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS E COMERCIAIS

A preocupação com a degeneração espiritual, descrita acima pelo historiador alemão Heinrich Handelman, editada em 1860 e traduzida em 1931, transcrita no final do capítulo que trata sobre a colonização do VTF (HUNSCHE,1977), possivelmente continua sendo o documento mais apreciado por aqueles que defendem a tese do isolamento geográfico, político e social da Colônia Três Forquilhas, bem como diversas Colônias de imigrações no Brasil. Num primeiro momento, torna-se plausível defender tal posicionamento, mas “estradas mal conservadas e dificuldades no transporte foram características presentes em todos os rincões do Brasil no século XIX”,⁴³ e em vários ainda no século XX. Para retomarmos o paralelo com o caso dos Menonitas, apesar do

⁴² Texto extraído da obra de HANDELMANN, Henrique. História do Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931, p.535. O presente texto foi escrito na década de 1850. Ver: HUNSCHE, Carlos Henrique. *O ano de 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977, p.180.

⁴³ WITT, op. cit. , p. 294.

lapso temporal de mais de cem anos posterior ao projeto de imigração luterano, a instalação de uma das colônias no extremo sul do RS, pertencente ao então município de Bagé, sendo este o maior centro distante 50 Km da comunidade, tendo como única forma de acesso a via terrestre pela inexistência de rios navegáveis no entorno e optando, dez anos após a colonização, por investir num produto altamente perecível como o leite, a tese do isolamento geográfico poderia facilmente justificar um fracasso futuro. Ao verificarmos a localização da Colônia Nova podemos constatar que ao sul está a aduana com o País vizinho Uruguai; a leste o município de Pelotas; a noroeste o município de Santana do Livramento e ao norte o antigo município sede Bagé, todos tendo como única forma de acesso a via terrestre. Tomando estes dados como referência e os municípios relacionados como maiores da microrregião, ainda considerando uma distância de aproximadamente 440 km da capital até a Colônia Nova, a localização geográfica da Colônia de Três Forquilhas parece bem mais privilegiada. Localizada num entroncamento que dá acesso tanto ao estado vizinho de Santa Catarina, como à serra gaúcha, ao litoral do RS e à capital rio-grandense, ainda possui um manancial hídrico, dividido por lagoas, canais de ligação entre lagoas e rios permitindo a pesca, a navegação e acesso ao mar. Não se trata aqui de verificar qual comunidade enfrentou as piores adversidades, mas justificar que a tese do isolamento geográfico, político e social não é sustentável⁴⁴.

Neste momento cabem alguns questionamentos: como os colonos organizaram sua produção capaz de garantir sua subsistência e obter um excedente para comercializá-lo? Quais produtos poderiam ser suficientemente atrativos com alto valor agregado e pouco perecíveis? De que forma seria feita esta comercialização?

Atualmente, há uma variedade extensa de produtos comercializáveis, divididos entre grãos, frutas, hortaliças, derivados da cana, derivados do aipim e mandioca e excedentes das frutas e verduras (doces, picles, panificados). A proximidade com vários centros consumidores no litoral norte do RS, a facilidade do acesso à capital Porto Alegre, o escoamento dos produtos para a serra gaúcha além da possibilidade de escoamento da produção ao estado vizinho de SC, um microclima favorável para diminuir a sazonalidade na oferta de produtos como a banana e o aipim, políticas públicas federais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Estudantil (PNAE), a participação efetiva dos agricultores na comercialização em feiras de produtos convencionais, orgânicos e agroecológicos, refletem as conquistas e avanços na relação dos agricultores com o mercado consumidor⁴⁵, impossível no início da

⁴⁴ WITT, op. cit., p.36.

⁴⁵ Dados da COOMAFITT, Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas,

colonização, onde a comunicação era um dos maiores entraves, seja tratando-se da logística de transporte dos produtos aos centros consumidores, ou a relação agricultor-consumidor, limitada pelo uso da língua alemã (Hunsrück).

Retornando ao século XIX, o primeiro registro de produção dos colonos do VTF encontra-se na carta redigida ao então ministro de negócios do império, que a levaria ao conhecimento do Imperador D. Pedro I. Escrita em francês, possivelmente pelo pastor Carlos Leopoldo Voges, que assumiu a liderança da Colônia, demonstra a pouca familiaridade com a língua portuguesa, optando ainda assim, pela escrita de outra língua latina à germânica. A carta, acompanhada por outra, do comandante Francisco de Paula Soares, responsável pelo assentamento dos imigrantes, atesta o acerto no novo projeto e satisfação dos imigrantes⁴⁶. Além do agradecimento ao chefe supremo do Império, a carta sela uma relação política com o Estado e o papel de mediador⁴⁷ entre colonos e sua liderança: o pastor Voges. Na relação dos plantios citam: frutas e hortaliças, centeio, cevada, trigo, milho, aveia, cana-de-açúcar e café. Alguns produtos muito ligados à terra natal, essenciais para a subsistência, que futuramente a maioria dos cereais serão substituídos, à exceção do milho, pela mandioca e o aipim. O plantio da cana-de-açúcar já representava o contato imigrante com açorianos e o caboclo, denominados meio-índios (*Halbindianer*), tão criticada por alguns autores, segundo os quais iniciara-se um processo de caboclicização, *Vercaboklierung*, responsável pelo abandono da germanidade⁴⁸. A facilidade na obtenção do açúcar em relação à beterraba, o alto rendimento favorecido pelo clima litorâneo, possibilitando a produção de açúcar mascavo, rapadura e água-ardeente, a cana-de-açúcar será uma das maiores fontes de divisas da Colônia.

Nos dois primeiros anos de colonização as famílias recebiam subsídios do governo imperial para garantirem o suprimento das suas necessidades básicas. Findo este período, vários imigrantes, principalmente os solteiros e famílias que não pretendiam viver da produção agropecuária evadiram das colônias do litoral norte. Neste período de

fundada em 2006, trabalhando com projetos viabilizando a manutenção do produtor e sua conexão com o consumidor. Disponível em <http://coomafitt.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>, acesso em 15/08/2017.

⁴⁶ HUNSCHKE, op. cit., p.148.

⁴⁷ Segundo Ernesto Seidl, para o exercício da função de mediador cultural, os recursos acumulados pelos profissionais vinculados às carreiras religiosas, além da sua inserção em vários espaços da vida intelectual e social, proporcionavam-lhes as formas de acúmulo da autoridade necessária ao exercício legítimo do papel de mediador socialmente reconhecido. Ver: SEIDL, Ernesto *Intérpretes da história e cultura do RS – clero*. Anos 90, Porto Alegre, v. 14 n. 26, p. 77-110, dez. 2007

⁴⁸ MUGGE, Miquéias H.; MUGGE, Emy; HAUENSTEIN, Iria (orgs.). *Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo*. Homenagem a Martin N. Dreher. São Leopoldo: Oikos, 2010. p.306.

A germanidade incorpora a ideologia nacional alemã, formulada no início do século XIX, que defende a constituição de nação alemã sem vinculação do povo alemão a um território específico; basta a constatação de uma solidariedade prescrita na ideia de comunidade étnica ou nacional. Ver: SEYFERTH, Giralda. *A representação do “Trabalho Alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira*. Nova Série, antropologia, nº37. RJ: Boletim do Museu Nacional, 1982. p.3.

adaptação, novos plantios como o feijão, o arroz, a batata, garantem uma alimentação às famílias e à criação de animais. Porém, três produtos já consumidos pelas populações indígenas presentes no VTF serão fundamentais no comércio e no processo de integração dos colonos. A mandioca e o aipim, consumido in natura ou beneficiada para produção de farinha e polvilho, e o anil⁴⁹ para a produção de corante; produtos integrados na comunidade pelo processo de trocas culturais com as comunidades indígenas, através dos hábitos de consumo, acesso e identificação das manivas⁵⁰ e sementes para plantio.

Com o sistema produtivo consolidado, faltava aos colonos uma logística para a comercialização dos seus produtos. O pastor Voges, líder espiritual e político da Colônia, recebia seu ordenado regularmente e morava nas suas terras, em localização privilegiada, até o ano de 1830⁵¹. A partir de 1831 a 1833 atuou como pastor itinerante nas Colônias de São Leopoldo e entorno. Neste ano, resolveu fixar-se definitivamente na Colônia de Três Forquilhas, abriu uma venda, encorajado e amparado financeiramente pelo sogro, um grande homem de negócios, comprando os produtos dos colonos e vendendo-lhes em troca artigos e ferramentas importadas da capital gaúcha, serra, litoral catarinense. Apesar de haverem outras casas comerciais, porque selecionamos particularmente o ponto comercial do pastor Voges?

Na sua tese de doutorado, Marcos A. Witt analisa detalhadamente a evolução do patrimônio da família Voges, permanecendo este concentrado num único herdeiro escolhido pelo patriarca e aumentando significativamente de geração em geração devido a ampliação dos negócios proporcionado especialmente pela atividade comercial⁵². No entanto, o comércio era do pastor, líder espiritual e devido seus relatórios, declarações e solicitações junto ao presidente da província, líder político e mediador da comunidade. Por fim, ao casar com a filha de Jacob Diefenthaler, importante comerciante na Costa da Serra, seu novo estrato social difere da maioria dos colonos. Enquanto sua remuneração no final da década de 1920 igualava-se aos maiores salários de outros profissionais pagos pelo império, além da sua propriedade, agora dispunha de capital para iniciar seus negócios, tendo sido intitulado posteriormente como “maior vendeiro, industrial e

⁴⁹ No relatório com que o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu entregou a presidência da Província de São Pedro do RS de 1855, na página 50 consta o seguinte relato: “foi aqui que vim a conhecer uma outra planta indígena de que se extrai uma matéria colorante muito semelhante ao anil, da qual encomendei uma amostra para dirigir a V. EX^{aa}”. Ver ELY; BARROSO, op. cit., p. 138.

⁵⁰ Manivas correspondem às partes das hastes do pé da mandioca que serão utilizadas para a produção de novas mudas.

⁵¹ A Lei do Orçamento de dezembro de 1830, suspendeu todos os recursos destinados à imigração e colonização, cancelando os ordenados ou gratificações de todos os profissionais envolvidos no processo. Ver HUNSCHE, op. cit. p. 166.

⁵² WITT, 2015. Op. cit., p. 17-44.

capitalista da zona”⁵³. A opção pela instalação da venda, além da concentração de riquezas lhe oferece outras vantagens como bem observou Angela Sperb;

A venda... era o lugar onde [se] ficava sabendo [de] todas as novidades, desde políticas até religiosas, onde seguramente também se faziam mexericos da vida dos vizinhos e se realizavam negócios e transações entre frequentadores. Sem nenhuma dúvida era o vendeiro a pessoa mais bem informada de toda a região e também aquele que de uma certa forma podia decidir sobre os destinos de um grande grupo de pessoas. Era ele que estabelecia as regras nas transações comerciais com os colonos. Era ele que direta ou indiretamente se comunicava com São Leopoldo e Porto Alegre e de lá trazia toda sorte de novidades. O vendeiro sabia de tudo e de todos. O estar bem informado, acrescido do controle econômico que exercia, faziam-no um sujeito de prestígio e poderoso na povoação. Prestígio que de uma certa forma o próprio Código Comercial do Império lhe proporcionava. Poder, sobretudo econômico, que lhe advinha através do controle da atividade comercial que lhe revertia na forma de concentração de riqueza.⁵⁴

Tamanho poder conferido ao pastor, possibilitava atender seus fiéis como comerciante laico, sem pudor diante à diversidade de produtos ofertados, numa relação de troca, independentemente do horário, inclusive no domingo, antes e depois dos cultos. Ao prosperar financeiramente, possibilitou a manufatura de vários produtos com investimentos em alambique, curtume, olaria, e por conter informação privilegiada fez investimentos imobiliários em várias regiões. Sua visão empreendedora incentivou a criação de atafonas, moinhos, engenhos de cana-de-açúcar, além do desenvolvimento na área logística. Apesar das constantes reclamações em relação ao transporte dos produtos nos vários relatórios ao presidente da província, este não foi empecilho para alavancar o desenvolvimento da Colônia, principalmente no que diz respeito aos colonos de destaque.

Desde o início da colonização do VTF no século XIX, facilitada pela sua formação geográfica, a serra das Três Forquilhas constituía-se como caminho preferencial dos tropeiros de Cima da Serra, resultando que tropas de Vacaria, Passo Fundo e de campos de Curitiba passassem pela Colônia, tornando-se o principal comércio da mesma. Assim, os colonos adaptam sua produção na garantia do comércio tropeiro e manutenção da subsistência. A presença constante dos tropeiros na comunidade configura novas relações de troca, onde a língua nacional ganha campo e domínio nos espaços comerciais⁵⁵, achando-se seus habitantes confundidos na massa da população nacional. O transporte dos produtos que abasteciam as localidades dos Campos de Cima da Serra era feito por cargueiros, que constantemente desciam ao VTF. Havia ainda a opção destes cargueiros abastecerem, via rota dos Campos de Cima da Serra, os municípios de São Francisco de Paula, São Leopoldo, Dois Irmãos chegando por este caminho à capital.

⁵³ Título de um dos capítulos sobre a fundação da Colônia alemã das Torres. Ver HUNSCHE, op. cit., p. 165.

⁵⁴ SPERB, Angela. O inventário de João Pedro Schmitt. In: *Anais do IV simpósio de história da imigração e colonização alemã no RS*. São Leopoldo: EST, 1987, p. 17-18.

⁵⁵ Relatório do ano de 1853, p.25, do presidente da província constata: Três Forquilhas e Torres. Já não podem ser consideradas colônias. Ver ELY;BARROSO, 1996, op. cit., p.136, 138.

Além do mercado com a serra e imediações atingindo os campos gerais de Santa Catarina e Paraná, outra via de exportação era a fluvial. Aproveitando a parte navegável da foz do rio Três Forquilhas, seguindo pela lagoa Itapeva onde o rio deságua, o transporte seguia em lanchões até a lagoa da Pinguela. Desta, havia duas formas de transporte: via terrestre em cargueiros pela planície de Santo Antônio da Patrulha até a capital, ou via terrestre até a Barra do Rio Capivari, seguindo em embarcações a vapor via Lagoa dos Patos à Porto Alegre ou seguem até Rio Grande⁵⁶. Após constatar o extenso trajeto a ser percorrido do VTF geralmente à capital do Estado, cabem alguns questionamentos. Como esta logística de transporte ocorria e quem era responsável pela mesma? Tanto no transporte fluvial como no frete das mercadorias até o local do embarque ou desembarque, novas relações comerciais e de trabalho se estabelecem. A importância de um animal de carga para tal atividade, tantas vezes registrada nos relatórios das Colônias, capacitava aqueles que dispendiam dos mesmos, além de manterem as suas atividades agropecuárias. Sem a força animal não haveria meios de alavancar a navegação. No entanto, além de possuir um plantel expressivo era preciso possuir área para a manutenção destes animais, bem como uma logística de distribuição desses animais nos diferentes entrepostos de embarque e desembarque.

Para a navegação, os altos investimentos exigidos para exercer a atividade bem como os riscos inerentes, ficaram a cargo dos grandes comerciantes, incluindo a família Voges, principal interessada para manter suas relações comerciais entre a Colônia e a capital da Província. Para tanto, intensas articulações políticas, econômicas e sociais foram necessárias, visando o monopólio da atividade e a possibilidade de fartos lucros. O transporte fluvial, apesar dos registros de sua atuação desde o final da década de 1840 no litoral norte do RS, ocorre de forma representativa e profissional a partir do final da década de 1880, intensificando suas viagens, aumentando o número de embarcações, servindo estas também para o transporte de passageiros entre Laguna, Torres, Tramandaí e Porto Alegre⁵⁷.

Refutada a tese de isolamento do VTF, pelo reconhecimento das diversas rotas usadas para o comércio de produtos exportados e importados, do trânsito de tropas condutoras de animais, dos viajantes que utilizavam o percurso, dos entrepostos de ligação VTF e pontos comerciais, do número de pessoas envolvidas na atividade, fica demonstrada nas intensas trocas culturais, políticas e sociais envolvendo os imigrantes. A

⁵⁶ Dados presentes no relatório apresentado pelo Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão em 1859, p.44. Ver ELY;BARROSO, 1996, op. cit., p.140.

⁵⁷ Ver WITT, 2015, op. cit., p.292-294.

contratação de pessoal especializado no transporte de mercadorias demandava, além da fala da língua nacional, o domínio da escrita para a conferência de produtos, para a compra e aquisição dos mesmos, na contratação de pessoal envolvido no carregamento e descarga, o controle do dinheiro, a prestação de contas, etc. O uso da língua portuguesa em substituição à língua alemã, além de uma consequência natural torna-se uma obrigatoriedade que as novas relações comerciais e suas concorrentes demandam.

2.2 CONSTANTES INVASÕES, OCUPAÇÕES E CONFLITOS ARMADOS ENVOLVENDO A COLÔNIA E OS COLONOS, AUMENTANDO O CONTATO COM A LÍNGUA OFICIAL

As Colônias das Torres e Três Forquilhas, por sua má colocação e pelos efeitos da guerra civil, **cujas tropas inquietaram muitas vezes aqueles lugares**, teriam por sem dúvida sucumbido aos vícios de sua fundação, se não fora a perseverança dessa raça saxona (...).⁵⁸

A frase grifada acima está presente na memória coletiva da comunidade do VTF, relacionando-a ao período ditatorial getulista, na sua campanha de nacionalização, tornando-se as tropas repressivas mais intensas quando o Brasil entra na II Guerra Mundial. Porém, o episódio referido pelo então presidente da Província à Guerra dos Farrapos, possivelmente um marco divisório na política vigente da Colônia onde integrantes das mesmas famílias apoiavam lados opostos, que terão desdobramentos até a Revolução Federalista, dificilmente são mencionados pela comunidade. Também relacionadas ao século XIX: a disputa pela Cisplatina, a intervenção brasileira no Uruguai contra a aliança Oribe-Rosas e a Guerra do Paraguai são eventos inseridos no contexto da região do VTF marcados pela defesa do território brasileiro, interferindo nos interesses das classes dominantes e de destaque da região.

Marcados pela participação política e militar, diferentemente dos menonitas que opunham-se às armas, vários imigrantes da Colônia de Três Forquilhas pertenciam à legiões de combatentes, sendo que ainda em 1826 um pequeno grupo de voluntários apresentou-se para lutar no Conflito Cisplatino (1811-1828). A luta pelo território Cisplatino cresceu com a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro, intensificando sua política de interiorização com o centro-sul do País, aumentando seus interesses na anexação do atual Uruguai disputado por orientais, portenhos e espanhóis. A anexação

⁵⁸ Trecho do relatório com que o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu entregou a Presidência da Província de São Pedro do RS em 1855. Ver ELY; BARROSO, 1996, op. cit., p.137. [grifo nosso].

do território possibilitaria a ocupação de terras pelos pecuaristas do RS, garantindo a estabilidade do preço do charque, manutenção da exploração de mão-de-obra negra escravizada, fomento do comércio de Montevideu pelos comerciantes portugueses, uso de navegação com isenção tarifária⁵⁹. Dependência do consumo e compra do charque, aumento do território brasileiro com a anexação de novas áreas possibilitando novos projetos de imigração, ausência de tarifas alfandegárias para antigos produtos importados, parecem motivos suficientes para motivar o apoio dos colonos imigrantes lançando-se como voluntários combatentes em plena fase de assentamento das famílias. Dos sete voluntários combatentes relacionados, todos retornaram com vida do conflito.

A Guerra dos Farrapos (1835-1845), na constituição da identidade rio-grandense, tendo como ideário a liberdade conquistada pela luta armada em relação ao poder central, seduziu novamente as elites do VTF, defensoras do liberalismo e do federalismo, no entanto, favoráveis à manutenção do regime escravagista e políticas tarifárias protecionistas em relação ao charque platino. Diferentemente do pastor Voges da Colônia Três Forquilhas, seu colega Klingelhoefter passou de líder espiritual a líder farroupilha⁶⁰, morrendo em combate, defendendo suas ideias no dia a dia da comunidade, gerando reclamações dos fiéis: “também no seu emprego eclesiástico ele transmite estas violências e ilegitimidades”. Segundo WITT, “pelo teor da reclamação, Klingelhoefter já estava vinculado às ideias farroupilhas, não conseguindo mais separá-las do seu cotidiano, inclusive da atividade religiosa”.⁶¹

Por outro lado, Voges vive os conflitos na própria Colônia. Local de passagem de ambas as tropas (imperiais e provinciais), vê a comunidade constantemente alvo de saques e violências de ambas as partes⁶². Os relatos do período são de extrema dor e sofrimento, confrontos e mortes⁶³. As divergências e oposições entre familiares nas adesões ao movimento refletiram na vida da comunidade. Como fator positivo na disputa pela adesão à sua causa (farroupilha), em 1838, os imigrantes são elevados a cidadãos da República rio-grandenses⁶⁴. Em reconhecimento ao seu engajamento político e militar

⁵⁹ KÜHN, Fábio. *Breve história do RS*. 2.ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004. p.78.

⁶⁰ Segundo Fábio Kühn, vários sacerdotes participaram junto com os pecuaristas embalados pelas ideias liberais defendidas pelo movimento, participando ativamente do conflito. Ver KÜHN, 2004, op. cit., p.82-83.

⁶¹ WITT, 2015, op. cit., p.60.

⁶² Segundo Elio E. Müller, em 1838 ocorreu no VTF a passagem de mais de 2000 homens sob o comando de David Canabarro. Ver: MÜLLER, Elio E.. *Couro curtido*. Curitiba: AVBL, 2015. p. 62.

⁶³ Ao desconsiderarem o posicionamento político de várias lideranças da Colônia bem como o engajamento militar para defenderem suas propriedades, os conflitos seriam inevitáveis com desdobramentos nem sempre favoráveis aos colonos imigrantes.

⁶⁴ Decreta: Art. 1º. Os Colonos de São Leopoldo e Três Forquilhas, desde já são considerados Cidadãos da República, e como tais no gozo de todos os direitos civis, e políticos a estes concedidos. Art. 2º. São igualmente Cidadãos da República, e considerados na fruição daqueles mesmos direitos todos os estrangeiros, que têm trabalhado, e passam

no ideário farroupilha, tanto a participação dos colonos das duas Colônias (São Leopoldo e Três Forquilhas) como dos militares alemães estrangeiros (*Brummer*), a cidadania plena é concedida, refletindo numa nova fase de expansão e desenvolvimento das duas comunidades.

A Guerra contra a aliança Oribe-Rosas (1851-1852), entre os tantos conflitos no Prata, caracterizavam-se pela contestação da centralização do poder em Buenos Aires no processo de formação do estado nacional argentino liderado por Rosas e contestado por Urquiza, governador das províncias de Entrerrios e Corrientes; e no caso uruguaio, os efeitos da guerra civil onde partidários dos blancos e colorados enfrentavam-se, sendo os primeiros favoráveis à forte presença de fazendeiros brasileiros no norte do País, enquanto os colorados mostravam-se contrários a ela. Como a aliança Oribe-Rosas ameaçava diretamente os interesses do Império brasileiro, aumentando substancialmente o preço do charque já taxado em 25% sobre as importações concedido na negociação com os farrapos, além da unificação argentina que aumentaria o poder de negociação do País vizinho, o Brasil intervém militarmente no Uruguai, derrotando a aliança oriental e portenha, além de forçar a celebração de tratados desiguais entre o Brasil e o Uruguai atendendo os principais interesses daquele como: perda da autonomia política uruguaia com a intervenção brasileira, extradição dos negros escravizados fugitivos⁶⁵ e dos ladrões de gado, auxílio brasileiro no pagamento da dívida externa uruguaia em troca do controle alfandegário de Montevidéu, abolição do imposto de exportação sobre o gado uruguaio que atravessaria a fronteira seca brasileira, aumento dos limites de divisa passando do rio Ibicuí para o rio Quaraí⁶⁶.

Em 1850, na intenção de elevar e qualificar o efetivo militar do governo Imperial, muito dependente das forças provinciais, principalmente na defesa da fronteira sul do Brasil, por decreto de lei houve a autorização da contratação de nacionais e estrangeiros para atuar nas forças de combate, garantindo aos estrangeiros a distribuição de terras e a

para o diante trabalhar na defesa da Liberdade, independência, e prosperidade deste País, provando: § 1º. Constância, e permanência continuada por mais de um ano no serviço do Exército, Marinha, ou Comissões diversas. § 2º. Terem definitivamente fixado sua residência no Estado. § 3º. Terem introduzido objetos bélicos para munição, e aparelho de Exército, e um gênero de indústria qualquer. § 4º. Terem no Estado o Capital de quatro contos de reis em estabelecimento industrial ou comercial, ou neles exerça alguma profissão útil, ou viva honestamente de seu trabalho. § 5º. Terem casado com Cidadão Rio-Grandense, ou adaptado a um Rio-Grandense de qualquer dos sexos, § 6º. Terem os conhecimentos indispensáveis para serem admitidos ao Magistério das Universidades, Licêos, Academias, ou Cursos Jurídicos do Estado. (DECRETO DE BENTO GONÇALVES, DECLARANDO OS ALEMÃES, CIDADÃOS RIO-GRANDENSES. Jornal "O Povo" N°32, 1838, 19 de dezembro de 1838). Ver: MÜLLER, Elio E.. *Sangue de Inocentes. Coleção Memórias da Figueira*. Vol. II. Curitiba: AVBL, 2009. p.113-115.

⁶⁵ A abolição da escravidão ocorreu no Uruguai em 1842, válida apenas para a capital Montevidéu. Apenas em 1846, com a abolição do governo blanco que controlava o interior do País, a abolição agora valia para todo o território nacional.

⁶⁶ KÜHN, 2004, op. cit., p.,86-88.

ocupação destas apenas nas áreas de fronteira⁶⁷. Assim, entre 1851 e 1855, vários militares contratados acabaram fixando-se no VTF, sendo a maioria deles militares prussianos, conhecidos como *Brummer*⁶⁸. Representando um efetivo desigual, com militares experientes e jovens sem formação militar, vários deles logo foram dispensados do serviço militar e enviados para as Colônias de assentamento de imigrantes. A Colônia de Três Forquilhas recebeu vários *Brummer*, que contribuíram no desenvolvimento da comunidade visto a maioria ter boa formação intelectual e capacitação profissional, carências da Colônia solicitadas pelos primeiros imigrantes ao governo Imperial⁶⁹. Como se pode ver, a história dos imigrantes se cruza com a história política da América do Sul nos vários conflitos de interesses envolvendo as Colônias de imigração e especialmente os estancieiros gaúchos, além do governo imperial.

Como um dos episódios centrais da história do Segundo Reinado, a Guerra do Paraguai (1864-1870) também deixou suas marcas no VTF. Com as constantes intervenções do Império brasileiro na política do País vizinho Uruguai, em 1864 mais uma vez o presidente uruguaio foi deposto, visando proteger os interesses dos estancieiros sul-rio-grandenses, visto que o presidente Aguirre tinha o firme propósito de nacionalizar a fronteira brasileira e uruguaia e exigir o respeito do Brasil às leis uruguaias, principalmente relacionadas ao fim da escravidão. No entanto, ao firmar um pacto de defesa dos territórios uruguaio e paraguaio com o presidente Solano Lopez, este invade o território do Mato Grosso, além de várias cidades da fronteira rio-grandense com seu exército nacional moderno, disciplinado e coeso em torno do seu chefe. A tática de guerrilha, usada pelas milícias gaúchas contra o exército imperial ou no apoio a ele inviabilizaram qualquer possibilidade de vitória, abalando a Província do RS e a Coroa Imperial. Com as carências no efetivo militar, o próprio imperador desloca-se ao território gaúcho, convocando voluntários na defesa do território brasileiro. Assim como na Guerra dos Farrapos e nas diversas intervenções no território platino, o tema da mão de obra negra escravizada no Império brasileiro causa tamanho desconforto à D. Pedro II, que o encaminhamento da sua emancipação começa a ser redigida a partir da Lei do Ventre

⁶⁷ Segundo o § 4º do Art. 17, da Lei 586 de 1850, autorizava a contratação de forças militares estrangeiras para elevar o contingente, mediante a distribuição de terras aos mesmos e emprego somente em zonas de fronteira. Disponível em <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=542104&id=14387351&idBinario=15632072&mime=application/rtf>, acesso em 20/10/2017.

⁶⁸ Designação dada aos aproximadamente mil e oitocentos soldados alemães, a maioria mercenários, contratados pelo Império brasileiro para qualificarem e padronizarem as tropas brasileiras na Guerra contra Oribe-Rosas. Juntamente com os soldados foi adquirido o equipamento respectivo, empregando-o especificamente na fronteira sul. Ver: Jornal O Tuiuti, Academia General Rinaldo Pereira da Câmara e IHTRGS, agosto de 2013/Nº85.

⁶⁹ (...)os assinantes “atrevem-se” a fazer um pedido: “Na nossa Colônia não existe nenhum *ouvrier* (técnico, artesão) em ferro ou madeira (sabemos: “se evadiram”); somos obrigados a mandar fazer fora os nossos utensílios, com muita despesa e moléstia”. Ver HUNSCHE, 1977, op. cit., p.148.

Livre⁷⁰.

Novamente os colonos da comunidade de Três Forquilhas apresentaram um efetivo, neste caso de aproximadamente vinte homens, dos quais metade morreu em combate e a outra retornou à Colônia. Dentre seus habitantes mais famosos está o coronel João Niederauer Sobrinho, homem de confiança do Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva), ferido gravemente na batalha de Avaí, vindo a falecer dois dias depois⁷¹. A perda de familiares mortos em combate sem a possibilidade de reaver seus corpos enterrados em terras estrangeiras demonstrou o realismo de uma guerra contra um inimigo que os colonos não estavam acostumados.

Fato marcante que queremos ressaltar desta guerra será a acolhida pelo Major Adolpho Felipe Voges, filho do pastor Voges, de combatentes desertores da província do Ceará, integrando o 26º corpo de voluntários da Pátria. Os baianos⁷² como eram denominados pela comunidade, centralizados na figura de Candinho, Martim Pereira dos Santos, terão presença destacada em vários eventos posteriores à Guerra do Paraguai, integrando-se à vida comunitária, atuando militarmente especialmente na Revolução Federalista, que acirrou as disputas políticas no VTF desde a Guerra dos Farrapos.

A Revolução Federalista (1893-1895), ocorrida já no período republicano, decorre da revolta dos coronéis que representavam o poder local e a ascensão do Partido Republicano Rio-grandense ao poder regional com a ação política de Júlio de Castilhos. Adotando a ideologia positivista, ampliando sua base de apoio com as classes médias urbanas e colonos imigrantes, forma-se o cenário ideal para a implantação de um projeto capitalista. Para garantir seu poder regional, Júlio de Castilhos adotou uma forma de governo autoritária, centralizadora, com claro desprestígio e limitação do legislativo. O término do regime monárquico, o fim dos privilégios do coronelismo vigente na região da campanha gaúcha, a exigência da fidelidade partidária para atender as demandas dos antigos coronéis acaba inviabilizando a revolta dos partidários do antigo regime⁷³.

Com o governo de Júlio de Castilhos, a Colônia de Três Forquilhas vê novamente aflorarem as divergências políticas internas desde a Guerra dos Farrapos, quando havia simpatizantes da política imperial e defensores dos ideais dos revoltosos. Agora, uma nova ruptura ocorria entre membros das famílias de lideranças do VTF, havendo adeptos

⁷⁰ KÜHN, 2004, op. cit., p.105-109.

⁷¹ ELY & BARROSO, 1996, op. cit., p.90-93.

⁷² A denominação “baianos” é mantida até hoje (2012) em relação aos seus herdeiros como o Ivo Baiano (Ivo de Oliveira Mello), neto de Baiano Candinho. Ver: MÜLLER, 2012, op. cit., p.474.

Como categoria étnica, o adjetivo “baiano” não se refere especificamente aos habitantes da Bahia, mas aos “nordestinos” de modo geral.

⁷³ KÜHN, 2004, op. cit., p.111-113.

das ideias de Gaspar Silveira Martins, líder dos federalistas, em oposição ao partido republicano, já no período da revolução sob o governo de Júlio de Castilhos e apoio do governo federal de Floriano Peixoto. Com o direito do voto e de serem votados, vários imigrantes aderiram ao partido republicano, formado depois de 1880, e ao castilhismo; em oposição à maior liderança da Colônia: Major Adolfo Felipe Voges. Como este era liberal convicto, adepto às ideias de Silveira Martins, seu distanciamento foi aumentando, possivelmente devido à pressão exercida pelos republicanos, bem como a perda de investimentos com uma possível oposição tanto ao governo regional como federal.

No entanto, os confrontos entre castilhistas e federalistas na região do VTF ocorreram personificados na liderança de Baiano Candinho, braço direito do Major Voges, liderando o piquete *Josafath* em defesa da comunidade e de invasões frequentes em períodos de confronto. As tensões entre simpatizantes de ambos os lados na Colônia, gerou um clima de desconfiança ente os colonos, além das escoltas à procura de federalistas pelos castilhistas, mortes de combatentes, saques e perseguições.

A participação dos colonos do VTF nos diferentes conflitos armados relatados acima podem indicar alguns fatos desconsiderados na construção da identidade da Colônia de Três Forquilhas e ausentes na memória coletiva da mesma. O seu envolvimento militar está permeado de interesses, ora servindo apenas às classes dominantes, outrora atendendo a toda comunidade. As consequências resultantes destes confrontos também exigem novos rearranjos na vida comunitária.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes⁷⁴.

Portanto, dependendo do momento, as flutuações da memória podem resultar em diferentes seleções de um passado a ser representado. A vinda de imigrantes laboriosos e de tradição agrícola, conforme preconizava a Coroa, diverge da participação militar e disputas políticas que vimos até aqui. Na construção da identidade coletiva do povo do VTF, observamos a marcante força repressiva do Estado, diante de uma comunidade que se vê organizada, pacífica e indefesa⁷⁵, resultando no cerceamento de direitos, fundamentalmente a proibição do uso da língua alemã, especialmente no regime varguista.

⁷⁴ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, nº10, 1992, p.2.

⁷⁵ Apoiado nas teses de Marcos Justo Tramontini, Marcos Antônio Witt e Lauro Pereira da Cunha, afirmamos e afirmaremos até o final deste trabalho que a Colônia do VTF não foi pacífica e nem indefesa. Os vários conflitos entre os imigrantes e entre eles e os nacionais, além da convivência por vezes conflituosa com as comunidades indígenas reforça a tese de que esta construção dá-se pela memória coletiva da comunidade, permanecendo até os dias atuais.

Com o desenrolar dos acontecimentos, novas conquistas serão fundamentais para o desenvolvimento da Colônia, como observamos no direito à cidadania em 1838, fruto do posicionamento pró revoltosos, forçando a ação do Estado. O incremento de novos imigrantes com a chegada dos militares *Brummer*, atende à reivindicação dos colonos feita em 1827. Novamente ressaltamos que a formação militar, representada pela liderança e maior autoridade da Colônia, major Voges, formado na escola militar de São Leopoldo, culminará com a morte do principal herói na Guerra do Paraguai, o coronel João Niderauer Sobrinho. A articulação em defesa da Colônia nos vários eventos militares também é notável, resultando na acolhida de milhares desertores por um militar que, sendo aliado da Coroa, seria passível de denúncia e repreensão deste ato. Porém, manter militares não imigrantes possibilitava a formação e liderança dos mesmos da milícia armada responsável pela “paz e ordem” na comunidade. Finalmente cabe ressaltar o distanciamento gradativo do Major em relação à Silveira Martins, ligado ao Marechal Deodoro, mas com sua renúncia tornou-se opositor da República liderada por Floriano Peixoto. A suposta neutralidade adotada por Voges é compreensível, quando observamos que uma das atividades de grandes proventos da família no período já era a prática da navegação para o transporte e comércio de mercadorias entre a Colônia e a capital, necessitando esta da concessão dos governos estadual ou federal.

A participação política dos imigrantes, mesmo em pequeno número, obriga-os a um contato mais íntimo com a língua portuguesa. Mesmo que permanecessem no mesmo batalhão, as ordens seriam na língua oficial. A própria formação do Major Voges e do Coronel Niderauer para a carreira militar ocorreram na língua oficial. Excetuando os *Brummer*⁷⁶, não há registros de colonos imigrantes terem um comando especial na língua alemã. Posteriormente, na Guerra dos Farrapos e Federalista, com as constantes passagens, invasões e permanências das tropas tanto dos revoltosos quanto governistas no VTF, a comunidade como um todo aumenta seu contato com o linguajar oficial do Estado; inclusive nos cerimoniais como: casamentos, enterros, venda direta de seus produtos.

⁷⁶ Os legionários *Brummer* foram comandados na língua alemã, submetidos ao regime disciplinar prussiano e usaram o uniforme das tropas do SchleswigHolstein com o gorro de borla ou capacete prussiano. Ver Jornal O Tuiuti, Academia General Rinaldo Pereira da Câmara e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), Agosto de 2013/Nº85, p.6.

3. DIVERSIDADE ÉTNICA E OS DIFERENTES MODELOS DE EDUCAÇÃO NO VALE TRÊS FORQUILHAS

Apontado como um dos fatores que dificultam a manutenção e uso da língua alemã pelas famílias no VTF, a miscigenação parece um fato recente, típico da contemporaneidade, visto o Brasil configurar uma mistura de raças e como tal, na Colônia Três Forquilhas não seria diferente. Apesar das primeiras imigrações alemãs do Rio Grande do Sul terem como principais causas a ocupação de áreas de fronteira e a formação de um efetivo militar para a defesa dessas áreas, é sabido que uma das causas da imigração europeia seria possibilitar o branqueamento da população colonial, defendida cientificamente pelas teorias racistas do período. A partir do capítulo anterior, já é possível depreender que o constante trânsito e permanências de pessoas não moradoras da região de Três Forquilhas motivaria uma aproximação destes com os colonos, resultando no processo de miscigenação.

Da mesma forma a educação, segundo os moradores, mantinha basicamente professores alemães para o ensino das primeiras letras, mas com a proibição no governo getulista, estas escolas foram obrigadas a aderir à língua nacional. Seria isto possível, sendo que vários filhos dos imigrantes mais destacados continuaram seus estudos em Porto Alegre, São Leopoldo e arredores? Para tanto houve uma forte articulação das lideranças da Colônia para possibilitar o ensino da língua nacional principalmente aos filhos dos imigrantes de destaque aspirarem melhores postos de trabalho em outras localidades, ou mesmo retornando à Colônia para assumirem cargos de liderança e perpetuarem as relações de poder exercidas pelas famílias em ascensão social.

3.1 O CONVÍVIO INTERRACIAL DECORRENTE DA PRESENÇA DE INDÍGENAS, NEGRO(A)S ESCRAVIZADO(A)S, AÇORIANOS, MILITARES NORDESTINOS

Em primeiro lugar, deve-se destacar que o cotidiano teve enorme peso nas atitudes dos colonos. Antes de serem alemães, agricultores ou artesãos, os imigrantes eram pessoas que precisavam suprir necessidades básicas e recompor estrutura social. (...) Não se pode ser ingênuo e pensar que fatores como origem étnica e idioma tenham se colocado como impedimento para as lutas mais do que imprescindíveis para a nova etapa de suas vidas,

agora em solo brasileiro⁷⁷.

Ao narrar as diversas trajetórias dos imigrantes em solo brasileiro, neste caso rio-grandense, muitas vezes negligencia-se o fato de que mesmo não havendo proprietários registrados das terras nas quais seriam assentados (terras devolutas), estas terras muitas vezes estavam habitadas por populações indígenas ou eram territórios de deslocamento indígena em busca de subsistência. Outras vezes, ao relatar este fato, há uma supervalorização do enfrentamento entre colonos e índios, sem considerar a possibilidade destes serem os ocupantes das terras destinadas à imigração, lutando pelo seu direito legítimo à terra. As matas no VTF pertenciam, no passado, aos índios caingangues, da aldeia *Aivupoã* na linha de Três Pinheiros, atualmente reduzidos à família Santos e convivendo na comunidade de Três Forquilhas⁷⁸.

A convivência entre imigrantes e índios “selvagens e mansos”, desempenharam vários papéis nos projetos de ocupação econômica e populacional do litoral rio-grandense⁷⁹. Como agentes históricos neste processo, resistindo, fugindo, morrendo ou assustando, também propiciaram no VTF no período de colonização, a aquisição de novos hábitos alimentares, novas práticas de cultivo e abandono de técnicas oriundas da Europa, motivo de preocupação nos relatórios enviados à Alemanha pelos vários pastores e observadores, referindo-se a um processo de “caboclicização”⁸⁰ dos imigrantes e abandono da germanidade. Com a chegada de fazendeiros de origem portuguesa após a Guerra Farroupilha para ocuparem sua sesmaria, a aldeia *Aivupoã* é destruída visando a ocupação das terras indígenas. Apesar da lei já em 1831 revogar as Cartas Régias que mandaram fazer guerra, e pôr em servidão os índios⁸¹, esta determinação legal nem sempre era respeitada pelos fazendeiros num período bem posterior à sua determinação.

Como caracterização do cruzamento racial entre imigrantes e indígenas, verifica-se o registro no livro eclesiástico de Três Forquilhas em 10 de dezembro de 1846 do batizado de uma filha do índio Manoel dos Santos, casado com Magdalena Strack. Apesar de não fazer parte da tribo dos caingangues, e sim, da tribo guarani missioneira, teve a oportunidade de estudar no quartel onde seu pai, trazido prisioneiro na condição

⁷⁷ WITT, 2015, op. cit., p.36.

⁷⁸ MÜLLER, 2012, op. cit., p.72.

⁷⁹ CUNHA, Lauro Pereira. *Índios Xokleng e colonos no litoral norte do Rio Grande do Sul (século XIX)*. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p.16.

⁸⁰ Segundo Seyferth, caboclicizar é sinônimo de abrasileirar e tem o significado de “rebaixar o nível de vida à condição de caboclo”. Criam-se assim vários estereótipos do caboclo como um sujeito malandro, sujo e doente, e como prova há a aparência da casa e das pessoas. O processo de caboclicização dá-se pela miscigenação. Ver: SEYFERTH, 1982, op. cit., p.26.

⁸¹ Lei de 27 de outubro de 1831, disponível em http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37625-27-outubro-1831-564675-publicacaooriginal-88614-pl.html, acesso em 20/10/2017.

de escravo, pôde servir como soldado. Há vários descendentes de Manoel na comunidade onde participam ativamente, conforme registro do pastor Ernesto Fischer. Futuramente, August Rudolf, militar prussiano *Brummer* vindo ao Brasil para lutar nas Guerras Cisplatina e do Paraguai, casa em 1861 com Catarina dos Santos, filha do índio Manoel dos Santos⁸².

A partir dos registros eclesiásticos da paróquia da IECLB de Itati, dos registros do arquivo histórico do RS presentes na bibliografia de Nilza H. Ely, da bibliografia do pastor Élio E. Müller, da tese de Marcos Witt, obtivemos farto material sobre a presença de mão-de-obra negra escravizada entre imigrantes alemães luteranos de destaque no VTF, principalmente a família Voges, revelada nos inventários analisados por Witt. As fontes pesquisadas revelaram que havia a presença de trabalhadores escravizados em casas, lavouras e comércio de colonos alemães. A partir do poder econômico dos colonos imigrantes, a aquisição de mão-de-obra negra escravizada definia sua diferenciação étnica, promovendo posição de destaque e melhor inserção na sociedade, além de ampliar substancialmente seus investimentos. Ainda segundo WITT,

Para os exponenciais, política e economia não estavam dissociadas; para imigrantes e descendentes que abriram espaço no meio político, o crescimento e a consolidação econômica equiparavam-nos aos vizinhos nacionais. Isso explica, por exemplo, por que os alemães tornaram-se proprietários de escravos⁸³.

Apesar da visibilidade dada aos negros escravizados, inseridos nos processos de colonização e aculturação da comunidade do VTF, apenas dar voz a essa minoria deixa várias lacunas não respondidas de uma colonização específica no litoral norte do RS, relacionada à um processo de Reforma religiosa, alinhada com os ideais Iluministas, sobrepostos pela identidade étnica e racial. Mesmo que haja o reconhecimento da historiografia atual à escravização de negros por imigrantes de destaque alemães, é necessário que se responda por que estes dados foram ocultados por tanto tempo. Por outro lado, há uma excessiva tentativa de humanização do caráter escravagista na narrativa do pastor Elio Müller nos seus livros, no tocante aos negros escravizados do pastor Voges. Segundo o autor,

dizia-se que os negros, da casa do pastor, eram invejados pelos colonos mais pobres. Reclamavam que os negros, da casa do pastor, viviam em condições muito melhores do que grande parte dos pobres colonos, pois que os escravos contavam com o privilégio de receber, além de uma boa educação, ainda vestes, calçados e uma alimentação com fartura⁸⁴.

⁸² Ver HUNSCHE, 1977, op. cit., p.157.

⁸³ WITT, 2015, op. cit., p.39.

⁸⁴ Ver: MÜLLER, Elio E. *Dos bugres aos pretos. A tragédia de duas raças*. Coleção memórias da figueira – Volume III – Curitiba, AVBL, 2010, p.85.

Referindo-se à mãe Maria e pai Vicente⁸⁵, o autor desconhece o regime escravagista vigente e não faz referência à resistência dos negros escravizados no VTF. No ano de 1851, conforme relatório do Vice-Presidente da Província de São Pedro do RS havia 29 escravos nas duas Colônias (Três Forquilhas e Torres). Conforme os registros eclesiásticos da comunidade de Três Forquilhas há uma relação de quatorze mulheres negras escravizadas, compreendendo o período entre 1847 até 1886. Assim, vimos que o regime escravagista institucionalizou-se durante todo período pós-proibição do tráfico negreiro. Desta forma, além de adotar a política de escravização, possivelmente houve o fomento à reprodução dos negros escravizados para manter a exploração da sua mão-de-obra garantida pela expansão da prole.

Como o protestantismo pregava uma ética que liga a salvação da alma às práticas terrenas, dependia do escravo a sua salvação, mediante uma vida laboriosa e regrada. Desta forma, a ética protestante ajudou também no desenvolvimento e acúmulo de capital por parte dos imigrantes de destaque. Não havia motivação religiosa para as lideranças do VTF considerarem a escravidão como sendo um pecado, visto todos os cristãos serem iguais diante de Deus. Assim, independente de ser um “bom” senhor (desejável no caso do pastor ser um médico das almas) ou “mau”, ambos acabam doutrinando seus escravos para a obediência irrestrita, visto que através desta e do trabalho alcançarão a “salvação”.

Na bibliografia apresentada neste trabalho em relação ao VTF, todos os autores apropriam-se da descrição de uma descendente de escrava, filha de um descendente dos imigrantes, Picucha. Mesmo que seu pai biológico tenha cuidado da subsistência da mãe e da filha, jamais assumiu sua paternidade oficialmente. O fato de todos saberem que muitas crianças eram filhas de descendentes de alemães com negras⁸⁶, escravas ou não, confirma o processo de miscigenação envolvido no regime de escravidão presente no VTF.

Os constantes conflitos armados dos quais os imigrantes participaram, além do acometimento de graves doenças no VTF, resultaram em mortes de alguns combatentes, pais de famílias muitas vezes numerosas que as deixaram sem o principal provedor de

⁸⁵ Mãe Maria da Nação Nagô nasceu em 1825, no continente africano, filha de Yabá Yeyê Rainha Mãe. No ano de 1847, quando ela estava com vinte e dois anos de idade, foi adquirida no mercado de escravos em Porto Alegre, juntamente com o mestre canteiro Vicente, então com quarenta e cinco anos. Os dois formaram um casal, contraindo matrimônio, ainda em 1847, diante do pastor Voges. Pai Vicente faleceu por volta de 1870, aos sessenta e oito anos de idade. Mãe Maria faleceu em 1894, aos sessenta e nove anos de idade, pouco tempo depois das mortes do pastor Voges e esposa, também vitimada pela cólera. Na casa do pastor Voges, a partir de 1847, o casal Mãe Maria e Pai Vicente tiveram cinco filhos, conforme o Registro Eclesiástico da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas. MÜLLER, 2012, op. cit., p.100.

⁸⁶ BOBSIN, Oneide. Ladrões de cavalo e carismáticos entre Mecklenburg e Butterbach. In: *Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo*. São Leopoldo: OIKOS, 2010, p.78.

recursos para sua subsistência. Por outro lado, a maioria dos imigrantes solteiros, com o fim do subsídio recebido pelo Império depois de dois anos, evadiram-se para outras regiões, dificultando ainda mais o desenvolvimento da Colônia, ávida pela manutenção de jovens trabalhadores. O ingresso de alguns imigrantes na segunda leva de imigração do VTF pouco acrescentou nesta demanda. Possivelmente a chegada de militares *Brummer* amenizou mais favoravelmente esta questão.

Dos casos de miscigenação relacionados aos conflitos armados dos quais os imigrantes participaram ou foram envolvidos por eles, queremos citar dois exemplos que ajudam no entendimento da construção da formação de identidade da comunidade de Três Forquilhas, visível atualmente nas festas tradicionais do *Kerbfest* e Festa da Colheita⁸⁷. Os dois casos referem-se à desdobramentos decorrentes de um dos conflitos armados dos quais os imigrantes participaram ativamente.

Na Guerra do Paraguai, com a morte dos soldados combatentes, a família era comunicada pelo governo Imperial, no entanto, várias delas não puderam realizar os funerais dos seus entes queridos em solo brasileiro, visto seus corpos terem sido enterrados em solo paraguaio. Este não foi o caso de Carlos Daniel Gross, dado como desaparecido, visto a família não ter sido comunicada da sua morte. Em 1871 ele retorna à Colônia, acompanhado de Abela Delore, filha de um estancieiro paraguaio morto em combate, que cuidara de Carlos, integrante do exército inimigo, até sua completa recuperação. Unindo lados opostos do campo de batalha, Abela acompanha seu companheiro para o Brasil, vivendo no VTF. Seria este apenas um caso de romance fortuito, ou a jovem Paraguaia viu-se impelida a abandonar seu País praticamente arruinado após a guerra, que com seu ato humanístico garantiria sua inclusão na comunidade de Três Forquilhas?

Da mesma forma, ainda relacionado à Guerra do Paraguai, voltamos à chegada dos desertores “baianos”, na verdade cearenses, acolhidos pelo major Voges em 1871, permanecendo no VTF e participando ativamente da vida política, militar e social da comunidade. Além da contribuição militar, aperfeiçoaram as atafonas existentes na Colônia enquanto construíam outras, otimizando a produção de um dos principais

⁸⁷ Segundo Menasche,(2010) e Weber (2006) as festas tradicionais tem o caráter de afirmação étnica, proporcionando a integração da comunidade local, reafirmando referenciais de pertencimento com a integração de novas gerações e mantendo o reavivamento identitário dos habitantes declarados étnicos. Esta identificação será valorizada com a participação dos moradores urbanos, na exposição dos atributos rurais nas festas de um rural idealizado, na reinvenção das práticas e das identidades. WEDIG, Josiane C.; MENASCHE, Renata. *Celebrando festas rurais: diálogos entre campo e cidade*. Belém: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia.- PGDR/UFRGS, 2010. WEBER, Roswithia. *Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos municípios da rota romântica – RS*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado.

produtos da região: a farinha de mandioca. Dois irmãos e três parentes destes, estabeleceram-se no VTF, casando com viúvas, filhas dos imigrantes. Seu líder, Martim Pereira dos Santos, o Baiano Candinho, casou-se pela primeira vez na Colônia com Carolina Kratz (nascida Müller), no entanto ela faleceu prematuramente e desta união não resultaram herdeiros. Em 1879 Martin casou-se com a viúva Maria Witt, tornando-se protestante. Há dois fatos a serem observados desta união: Maria Witt era viúva do tropeiro Beriva Athaíde, paulista, com quem era amasiada, e por não ter casado oficialmente, consta nos registros eclesiásticos apenas sua data de batismo. Esta relação estável demonstra estatisticamente a miscigenação presente no VTF entre indivíduos que frequentavam a região. Outro fato diz respeito ao uso de pseudônimos por Baiano Candinho, temeroso de represálias devido seu ato desertor. Consta no assentamento do registro civil de casamento⁸⁸ o nome de Cândido Alves da Silveira, sendo suas testemunhas o major Adolfo Felipe Voges e o professor Serafim Agostinho do Nascimento.

Ainda tratando de casamento, em 1895, durante a Revolução Federalista, houve uma cerimônia de casamento coletiva no VTF, liderada pelo então pastor vindo da Alemanha, seguindo a liturgia oficial da igreja⁸⁹, não contemplando a língua nacional no seu culto. O comentário do pastor Elio apresenta-nos dados relevantes:

Difícil imaginar, o que podia estar passando pela cabeça do pastor, naquela estranha situação. Ele que possivelmente sonhou trabalhar em uma comunidade germânica, de língua alemã e, naquela hora, quanto mais olhasse em torno de si e afinasse o ouvido, certamente pouco conseguia ouvir de língua alemã e de rostos brancos⁹⁰.

Tanto o cruzamento inter-racial como a forte adoção da língua nacional ainda no século XIX, confronta a ideia de que a miscigenação e a perda da língua alemã ocorrem pós Estado Novo, culminando com a II Guerra Mundial.

A chegada por volta de 1847 do mestre pedreiro, o açoriano José Pereira de Souza⁹¹, que virá casar-se em 1850 com Maria Gross, filha de imigrante e marceneiro, contratado pelo pastor Voges para a construção de sua casa em alvenaria e da construção do templo de pedra, a casa pastoral e a nova igreja protestante da Colônia Três Forquilhas, marca uma nova arquitetura na região, mesclada com várias técnicas de construção. O uso de mão-de-obra negra escravizada no trabalho de cantaria das pesadas pedras bloco, a confecção de ferramentas pelos ferreiros imigrantes, o trabalho

⁸⁸ O assentamento do registro civil pode ser encontrado no Livro de Casamentos N°1, folha 07 do Cartório do Registro Civil de Itati, RS.

⁸⁹ Desde 1864, os pastores “ordenados” empenhavam-se em restaurar a igreja (futura IECLB), livrando-se dos hábitos e costumes adquiridos desde 1824, quando, segundo eles, a prática religiosa dos colonos alemães, guiados pelos “não ordenados”, deu origem a um tipo de fé que diferia dos ensinamentos recebidos na Alemanha. Assim, procede-se a tentativa de institucionalização da entidade religiosa. Ver: Jornal Sinos da Comunhão, N°8, São Leopoldo, dez/2016.

⁹⁰ MÜLLER, 2012, op. cit., p.323.

⁹¹ WITT, 2015, op. cit., p. 357.

do pedreiro açoriano, o acabamento de peças de carpintaria pelos imigrantes e construção das paredes de pau a pique pelos negros africanos, inauguram uma nova arquitetura no vale, sendo uma mescla do estilo enxaimel alemão com uma técnica de construção açoriana e elementos da técnica adotada pelos negros no continente africano⁹².

Segundo Oneide Bobsin, “a presença de luso-brasileiros, índios, negros e imigrantes alemães e seus descendentes no Vale do Três Forquilhas fez daquela região um espaço bem brasileiro em termos culturais e religiosos”⁹³. Referindo-se a um protestantismo à brasileira, cabe ressaltar que este foi possível e necessário, visando suprir as necessidades básicas dos colonos e, ao mesmo tempo, recompor sua estrutura social conforme citação inicial do capítulo, e não seria diferente na recomposição da língua, que sofreu uma inclinação no sentido de aproximar-se à nova organização social possibilitando a convivência entre todos os integrantes da Colônia.

3.2 A EDUCAÇÃO NO VALE DE TRÊS FORQUILHAS

A Colônia tem uma boa escola de meninos, cujo professor, sendo alemão, dá lições de ambas as línguas e tanto por esta circunstância, como pela vizinhança e diurno comércio com a população nacional, é de todas as Colônias aquela em que mais uso se faz da língua portuguesa⁹⁴.

Desde o início da colonização, após o assentamento dos colonos e construção de suas moradias, houve a edificação da casa de oração e ao lado desta, encontrava-se a casa do pastor Voges, onde funcionava o seu comércio e a escola. Esta era particular, confessional, sem qualquer participação do Estado. Assim, mesmo carecendo de inúmeros recursos para sua manutenção, as Colônias de imigração tinham liberdade para lecionar os conteúdos que achavam relevantes e referentes à sua antiga terra natal, bem como ministravam as aulas em língua alemã. Especificamente no caso da Colônia de Três Forquilhas, o pastor Voges assume tanto as funções do pastorado como de professor, comerciante e posteriormente como administrador das comunidades do VTF e das Torres. Neste cargo, seus relatórios periódicos sobre a situação das duas colônias nos ajudam a observar a educação na região, conforme os registros do Arquivo Histórico

⁹² As técnicas de construção açoriana incluíam uma mistura de mariscos e conchas para a formação do reboco utilizado nas paredes de pau a pique. Estas paredes de taipa eram feitas com um gradeado de ripas, preenchido com uma massa composta por barro e mais a mistura de pelos de animais.

⁹³ BOBSIN, 2010, op. cit., p.80.

⁹⁴ Trecho do relatório com que o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu entregou a presidência da Província de São Pedro do RS em 1855. Fonte: Arquivo Histórico do RS, p.50, cópia, N°18.

do RS (AHRs) dos anos de 1851 a 1877, coletados pelas pesquisadoras Léia Heineberg e Suzana Schunck Brochado, ambas historiógrafas⁹⁵.

No período, notifica-se a existência de duas escolas alemãs, sendo estas divididas por gênero; numa só estudam meninos e a outra só as meninas. Respectivamente a primeira terá um professor, enquanto a outra uma professora. O pastor, como perdera seu ordenado com o fim dos investimentos em imigração pelo Império desde 1830, busca novas alternativas para garantir seus proventos. Inicialmente, atuando como pastor na Colônia de São Leopoldo, onde os colonos pagavam pelos seus serviços. Já no ano de 1932, retorna novamente ao VTF, reintegrado e recebendo gratificação mensal do Império, além de atuar como professor numa escola comunitária, subvencionada pelo Estado⁹⁶. Mesmo assim, o acesso à educação não era unanimidade para todas as crianças no VTF. Há registros de vários anos sem provimento de professores entre o final da década de 1860 e metade da década de 1870 motivada pela demora nas nomeações ou mesmo a dificuldade de encontrar interessados para fixarem-se na Colônia. Da mesma forma, as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros anos de colonização, priorizava a subsistência da família dependente da produção. Assim, constatamos que a oscilação da frequência às aulas entre os públicos masculino é bem superior ao público feminino.

Como mencionamos em capítulo anterior, a Colônia de Três Forquilhas também recebeu vários legionários *Brummer* desde a Guerra da Cisplatina até a Guerra do Paraguai. Estes militares, na sua maioria, tinham sólida formação intelectual e nesta condição assumiram rapidamente postos de liderança nas Colônias, principalmente no cargo de professor, exercendo este muitas vezes cargo de pastorado. Os combatentes prussianos Christian Tietböhl, Franz Saul, August Sonntag atuaram como professores no VTF com a supervisão e aprovação do pastor Voges. O novo dinamismo dado ao processo educativo pelos letrados *Brummer* inaugura uma nova fase de desenvolvimento intelectual e produtivo na Colônia. Da mesma forma, ao ministrarem aulas particulares, há o processo de exclusão de alunos, filhos de colonos pobres. O VTF visto ser lugar estratégico de trânsito para vários viajantes e comerciantes, acolhia alunos das regiões dos Campos de Cima da Serra, além das forças militares que cuidavam da região; motivo

⁹⁵ O acervo documental existente no AHRs constitui-se de ofícios, relatórios, requerimentos, mapas estatísticos e orçamentos de receitas e despesas que retratam o estabelecimento dos colonos protestantes no VTF. Os mesmos foram publicados na terceira parte do livro: ELY, Nilza H.; BARROSO, Véra L.M.. *Imigração alemã: 170 anos. Vale do Três Forquilhas*. Porto Alegre: EST, 1996. p.101-169.

⁹⁶ O professor era uma pessoa da comunidade, mas recebia seu salário do governo do Estado. Portanto, tratava-se de uma escola subvencionada, escola que não pertencia ao Estado, mas que recebia ajuda governamental para pagar o salário do professor.

Garantido o poder político e espiritual, Voges agora inicia seus investimentos como empresário, apoiado financeiramente pelo sogro, possibilitando também o poder econômico na Colônia. Ver: WITT, 2015, op. cit., p. 62-63.

da solicitação do professor Saul assumir o ensino Nacional, que estava vago⁹⁷. O ensino na Colônia sofreu várias rupturas, dependente de professores que abandonavam a região por motivos de doença, por falta de incentivo e pagamentos do Estado, pela não aprovação das lideranças dos imigrantes, ficando os alunos sem acesso à educação, salvo das famílias com recursos para manterem uma educação privada.

Apesar do entusiasmo dos imigrantes com a vinda dos legionários que qualificariam suas comunidades, as igrejas tanto católicas como luteranas unem forças para travar um verdadeiro combate ao liberalismo ateu defendido pelos militares prussianos. Agora em solo brasileiro, continuaria o enfrentamento ideológico entre ambos, que motivara a expulsão dos primeiros a chegarem ao Brasil. O contexto era favorável para a atuação das ordens religiosas no Brasil⁹⁸, principalmente no período do Império onde o Estado marcava pouca presença no processo escolar. Assim, de 1860 a 1904 chegaram ao Rio Grande do Sul pastores e professores, preparados para liderarem intensamente junto aos imigrantes luteranos.

Os pastores e professores chegados à região esperando encontrar uma comunidade onde todos os membros falassem a língua alemã, mas, com um ambiente luso-brasileiro no VTF, deparam-se com um cenário que viria a aumentar a preocupação do conselho sinodal, reforçada em 1877 pelo pastor Wilhelm Rotermund manifestando:

Uma coisa é certa: A fim de que nossas comunidades fiquem mais vigorosas, é necessário que seus ministros [pastores] e mestres [professores] sejam formados em seu próprio meio. E por mais distante no futuro que esteja a realização plena desse objetivo, deve visa-lo já agora com clareza e trabalhar para atingi-lo⁹⁹.

A falta de recursos capaz de concretizar a formação desta demanda e a negativa por parte do consulado alemão em Porto Alegre¹⁰⁰ preocupado com a manutenção da germanidade dos imigrantes, adiaram a inauguração do Instituto de Educação Ivoti em

⁹⁷ Solicitação feita pelo pastor Voges em 1858 ao Presidente da Província: “Há cerca de oito meses temos uma escola particular dirigida por Francisco Saul frequentada por 58 alunos sendo 27 do sexo masculino e 31 do feminino e desejaríamos muito que este moço fosse encarregado da direção da escola Nacional, visto que possui conhecimentos necessários para lecionar. Temos cinquenta moços qualificados guardas nacionais que não sabem ler nem escrever”. Ver ELY;BARROSO, 1996, op. cit., p.149.

⁹⁸ Ver KREUTZ, Lúcio. Igreja, Estado e processos educativos na imigração de língua alemã, no RS. In: *Construindo diálogos. História, Educação e Ecumenismo*. São Leopoldo: OIKOS, 2010, p.272. Segundo o autor, a presença de imigrantes de várias regiões da Europa obrigando a assistência das ordens religiosas, os problemas entre Igreja e Estado motivando as congregações a procurarem outros locais mais favoráveis para atuação, a localização dos imigrantes em núcleos rurais, étnicos e religiosos sob forte influência *Brummer*, o esforço da Igreja Luterana missionária na Alemanha enviando pastores e professores aos núcleos de imigração, a formação da diocese de Porto Alegre com a nomeação do bispo alinhado à Restauração Religiosa de Pio IX e a expulsão dos jesuítas da Alemanha e a vinda dos mesmos para o Brasil, beneficiaram as igrejas luterana e católica no campo de atuação no Brasil.

⁹⁹ Jornal Sinos da Comunhão, N°3, São Leopoldo, julho/2016, p.10.

¹⁰⁰ Segundo o cônsul alemão em Porto Alegre: “Uma das aspirações prediletas de Rotermund é a criação de um Seminário de Pregadores em São Leopoldo. Em minha opinião, no entanto, esse fato significaria um duro revés para a germanidade dessas bandas. Os alemães aqui nascidos não tem mais patriotismo alemão; pastores nascidos, educados e formados aqui, conseqüentemente, nada podem contribuir para a preservação da germanidade dessas bandas”. Idem

1909 contemplando o anseio de Rotermund. Em relação à manutenção da germanidade, o VTF possivelmente seria penalizado por não preconizar o uso estrito da língua alemã, sendo este elemento fundamental de identificação étnica¹⁰¹, defendido pelo consulado alemão de Porto Alegre. As constantes tensões decorrentes entre moradores das Colônias e os pastores alemães vindos para retomarem a liturgia oficial da Igreja, o que consistia apenas no ofício alemão nos cultos e escolas, inviabilizava a aceitação de uma comunidade há muito já convivendo com ofícios bilíngues na Igreja e nas demais cerimônias.

Mais preocupado com o cotidiano da Colônia de Três Forquilhas, o esforço das lideranças centrou-se em possibilitar aos colonos e demais populações pertencentes ao VTF, suprir suas necessidades básicas, sendo uma delas, a comunicação. As constantes incursões militares que transitavam pela comunidade, o trânsito de tropeiros e comerciantes, a miscigenação, apesar de haver um consenso de que os não imigrantes ou seus descendentes eram convencidos a aderirem à língua alemã, para que esta máxima se confirme, o contato do imigrante e seus descendentes com a língua nacional é inevitável. Portanto, ambos aderiam a um linguajar bilíngue. Da mesma forma, as famílias de destaque enviavam seus filhos para continuarem seus estudos na capital ou em São Leopoldo, o que seria impossível sem uma base mínima da língua portuguesa.

O esforço do pastor Voges em garantir a nomeação de um professor para o ensino da língua nacional após várias tentativas junto ao Estado, consolida-se na pessoa do professor Serafim Augusto do Nascimento, elogiado pelo seu trabalho em 1865, por ter possibilitado o aprendizado da língua nacional à alunos de origem alemã que a ignoravam¹⁰². O professor Nascimento era formado em magistério no RJ, natural de Rio Grande, alinhado com as ideias liberais do Major Voges, tornando-se uma das principais lideranças no VTF. Mantendo fortes laços de amizade com a família Voges, demonstrada nos vários documentos relacionados a inventários e transações imobiliárias da mesma¹⁰³, é possível verificar que o fator germanidade, tão caro às representações do Estado alemão, institucionalizado pelas igrejas católica e luterana no Brasil, estavam distantes

¹⁰¹ SEYFERTH, Giralda. *A representação do "Trabalho Alemão" na ideologia étnica teuto-brasileira*. Nova Série, antropologia, nº37. RJ: Boletim do Museu Nacional, 1982, p.4.

¹⁰² Pelas provas dos exames feitos no dia 5 do corrente, na aula pública do centro da colônia de São Pedro de Alcântara (Três Forquilhas) de que é mui digno professor o Sr. Serafim Agostinho do Nascimento que devido a seu zelo e assíduo trabalho pode oferecer a exame no decurso de dois anos a três inocentes alunos seus de origem alemã, que no todo ignoravam o idioma nacional, trazendo assim imensas dificuldades, é muito para agradecer-se o interesse e dedicação daquele funcionário que com quanto pelas provas do correio, não bem satisfaça a V.Ex^a. Três Forquilhas, 24/12/1865. Mensagem enviada pelo delegado Joaquim Afonso de Souza Neto ao Inspetor Geral da Instrução primária da Província de São Pedro do RS. Ver: ELY; BARROSO, 1996, p.131.

¹⁰³ WITT, 2015, op. cit., p.360-361.

das mesclas de sangue presentes nas alianças e uniões na Colônia de Três Forquilhas.

Portanto, a campanha de nacionalização do governo getulista, responsável pela proibição do ensino de línguas relacionadas às escolas étnicas e provocando o fechamento daquelas que não respeitavam a determinação legal, além de proibir o uso da língua alemã nas comunidades, assumiu o discurso na maioria das Colônias de imigração como único responsável pela extinção desta língua em algumas comunidades. Num período onde havia aproximadamente 2500 escolas étnicas de imigrantes no Brasil, a maioria confessional, concentrada nos três estados do sul, a campanha de nacionalização que começara ainda na década de 1920, será mais incisiva no Estado Novo, gerando uma tensão entre o Estado e a Igreja no controle da educação nas comunidades étnicas. A educação torna-se uma questão de segurança nacional ainda nos primeiros anos do século XX, pois as escolas erigidas pelos imigrantes não possuíam um currículo padrão aprovado e não possuía disciplinas de línguas estrangeiras nos moldes oficiais. Todo o ensino ocorria em língua estrangeira, dependendo do grupo étnico, e as matérias ministradas eram disciplinas que se voltavam para o país de origem dos imigrantes¹⁰⁴. Assim, muito mais que proibir o uso da língua referente a cada grupo étnico, a preocupação do Estado era a formação curricular adotada pelas escolas confessionais voltada ao País de origem dos imigrantes. Apesar da proibição atingir o VTF, os fatos descritos até aqui, atestam que a nacionalização preconizada pelo Estado Novo em relação à língua nacional ocorria nesta região desde o início da colonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou demonstrar, a partir do conceito de memória e identidade social de Pollak¹⁰⁵, um desafio à identidade constituída na memória individual e coletiva da Colônia de imigração luterana no Vale de Três Forquilhas; o qual se fixa na campanha de nacionalização do governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo e intensificada pelo cerceamento e pelo aparato repressor do Estado em relação às comunidades étnicas, principalmente de imigração alemã, agudizada pelo ingresso do Brasil no eixo dos aliados na II Guerra Mundial. Este marco determinou a (re)construção

¹⁰⁴ Ver: DA COSTA, Lourenço Resende. *Manifestações de Poder e Identidade em Torno da Língua Ucrâniana em Prudentópolis*. Irati, PR: UNICENTRO, 2013. p.92-98.

¹⁰⁵ Segundo Pollak, os marcos e pontos imutáveis são resultantes de um contínuo trabalho de solidificação da memória, construída por acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo grupo, e transferidos por herança às próximas gerações.

de uma identidade de grupo que, mesmo com a perda da língua alemã, manteve os laços de união comunitária em torno da religião. Como já havia constatado Giralda Seyferth¹⁰⁶, em estudo sobre camponeses de Itajaí, apesar da língua materna ser considerada elemento fundamental de identificação étnica nas áreas colonizadas com imigrantes alemães, um grupo imigrante pode manter sua identidade, mesmo não tendo mais a língua como um diferencial. Assim, há um constante processo de resignificação nos costumes, tradições, hábitos das comunidades de imigração, necessários para a convivência e sociabilidade com as populações locais.

A partir do questionamento de diferentes fontes bibliográficas, além do contraponto com outra comunidade protestante no extremo sul do Rio Grande do Sul, buscamos elementos que pudessem apresentar novos indícios no tocante à perda da língua alemã no VTF, considerando que o uso tanto do dialeto menonita como da língua alemã oficial ocorria nos espaços públicos e privados desde a colonização na primeira Colônia Witmarsum em Santa Catarina no ano de 1930, como também nas novas colonizações derivadas dos imigrantes e descendentes menonitas da primeira, em Curitiba e Palmeira no Paraná e a Colônia Nova, no atual município de Aceguá, durante todo período varguista.

As diferentes “táticas” adotadas pelas duas Colônias na garantia da sua sobrevivência e futura prosperidade econômica inicialmente estão fundamentadas no modelo produtivo, capaz de gerar divisas para os colonos, no entanto exigia dos mesmos diferentes modelos de comercialização. Enquanto os menonitas da Colônia Nova adotam um produto específico para a comercialização, exigindo este um volume produtivo elevado para garantir a fabricação dos seus subprodutos comercializáveis e esta tática, por sua vez, requer a união do grupo num projeto coletivo de produção, na Colônia litorânea, o projeto produtivo é mais diversificado, beneficiado pelas condições naturais da região, rica em mananciais hídricos, solos de boa fertilidade e um clima favorável para o cultivo e produção de diversas culturas e criações. Desta forma, a tática produtiva está centrada na comercialização individual dos produtos, utilizando-se de meios como a venda direta ou o negociante intermediário: o atravessador.

Os diferentes modelos produtivos reforçam os distintos modos de vida das comunidades. Enquanto os dois grupos buscam inicialmente reforçar seus modelos de produção com base em experiências já existentes na Ásia¹⁰⁷ e Europa, somente o

¹⁰⁶ SEYFERTH, 1982, op. cit., p.4.

¹⁰⁷ Produtores de trigo nas estepes russas, os menonitas encontraram na Colônia Nova, Aceguá, o bioma pampa que apresentava as condições de solo, clima e relevo propícias para continuarem as plantações do cereal.

primeiro mantém esta opção, favorecido pelo relevo e clima da microrregião; enquanto o segundo, busca alternativas para as frustrações de safra de culturas da sua terra natal, favorecendo as relações de troca com as comunidades aqui presentes.

A partir dos conceitos de poder de Foucault, buscamos demonstrar como uma rede de relações e modelos de dominação, utilizando-se o patriarca da Colônia de Três Forquilhas, e posteriormente seus herdeiros, do poder espiritual, político, econômico e social, possibilitaram a construção das bases para exploração de diversas fontes de renda e manutenção da liderança no VTF. Pelo fato das elites luteranas terem aderido logo ao modo de vida do Rio Grande do Sul, em termos de poder local, tornaram-se coronéis em oposição à ideologia pacifista dos menonitas. A expansão da comercialização, inicialmente dependente do mercado tropeiro, ganha novos mercados a partir dos investimentos dos colonos de destaque, reforçando seu domínio e dependência dos demais colonos. Por outro lado, apoiado nas pesquisas de Marcos Justo Tramontini¹⁰⁸ e Marcos Antônio Witt¹⁰⁹, esta pesquisa refuta a tese de isolamento geográfico e étnico dos imigrantes, visto o constante trânsito de pessoas pela região e a exportação de seus produtos às comunidades dos Campos de Cima da Serra, chegando por este caminho à capital; e a rota litorânea fomentada pelo investimento das classes dominantes no transporte fluvial, exigindo uma extensa logística, concessões, negociações, trocas e domínio da língua nacional.

As constantes relações comerciais e participações militares reforçam o convívio interétnico na Colônia de Três Forquilhas, o qual se dá por vários fatores: comunidades indígenas presentes no VTF, o comércio tropeiro, a exploração de mão-de-obra negra escravizada, a presença de teuto-brasileiros, a acolhida de militares cearenses, em conjunto contribuíram para a miscigenação e a prática do bilinguismo. Segundo Fabiane A. Kich,

De acordo com Skutnabb-Kangas (1998), em relação à função, muitas vezes o indivíduo se vê obrigado a usar uma determinada língua em determinadas situações e em relação à competência se vê obrigado a aprender formalmente uma língua “que não lhe pertence” e não tem o direito de aprender a “sua língua”, uma língua que, desde a geração de seus antepassados, não foram dadas condições adequadas de aprendizagem e uso na

¹⁰⁸ Marcos Justo Tramontini, como pioneiro a questionar o isolamento geográfico e social dos imigrantes, em sua tese de doutorado “*A Colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850)*”, demonstra que os colonos se organizam, num processo conflituoso interno e externo, para conquistar espaços na nova sociedade, colocando-se como reivindicantes e litigantes na defesa de seus direitos, fazendo valer o peso do grupo, demarcando espaços pela atuação política.

¹⁰⁹ Posteriormente a Tramontini, Marcos Antônio Witt em sua tese de doutorado “*Em busca de um lugar ao sol, estratégias políticas*”, ao contrário de muitos estudos hoje clássicos sobre as colônias alemãs que partem da premissa do seu isolamento sócio geográfico, aponta pelas suas pesquisas que a Colônia de Três Forquilhas no século XIX foi parte de circuitos sócio econômicos e político partidários com outras localidades e na expressiva atuação em movimentos políticos gaúchos.

sociedade¹¹⁰.

A exigência na prática da língua nacional seja no comércio, no transporte, na igreja, aos poucos aumentará o uso da língua portuguesa em detrimento da língua alemã, visto “não haver fluência igual em duas línguas, porque não se precisa de duas línguas para a mesma função”¹¹¹. As oportunidades profissionais vislumbradas para os filhos dos imigrantes mais proeminentes na capital do estado e municípios da grande Porto Alegre intensificam o ensino da língua nacional, aperfeiçoada com a vinda do professor Nascimento em 1865.

Por fim, o embate entre Igreja de imigração e Estado, já na década de 1930, durante o Estado Novo do governo varguista, preocupado com a segurança nacional devido à forte identidade étnica especialmente na região sul do Brasil, força a adoção definitiva do uso da língua nacional, mesmo sendo as escolas dos imigrantes em grande número comunitárias, e no caso do VTF passarem da administração da Colônia para o controle do Estado apenas na década de 1970.

Assim, não um fato isolado, mas uma história de um contexto diferente daquele dos menonitas que adotaram o isolamento como opção, a produção e comercialização em ideais cooperativistas e associativistas, a tradição pacifista, o privilégio de obterem a autorização para o uso do seu dialeto (*Plauttdietsch*) e a autogestão de suas Colônias mediante altas taxas de impostos, aspectos destoantes do contexto dos imigrantes luteranos.

As comunidades do Vale de Três Forquilhas, por sua própria localização, mostraram uma disposição para as relações econômicas e sociais com a sociedade mais ampla, mostrando em sua história vinculação com os momentos políticos mais contundentes do Rio Grande do Sul. Esta sociabilidade ampliou horizontes tanto quanto trouxe perdas: perdas de vidas em batalhas, perda da linguagem de origem, isto é, um patrimônio cultural. As perdas exigiram ressignificações ao incorporarem novos aprendizados, como da língua nacional, e reconstruírem o sentimento de pertencimento, agora em terras brasileiras.

¹¹⁰ KICH, Fabiane Alexandra. *O bilinguismo do meu aluno: reflexões teóricas para o ensino de alemão em contextos bilíngues de contato Hunsrückisch-Português*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Trabalho de conclusão do curso de especialização em ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.p.10.

¹¹¹ Idem anterior. p.7.

FONTES ESCRITAS

AIMB - Associação das Igrejas Menonitas do Brasil. Disponível em: <https://aimb.org.br/>. Acesso em 30/06/2017.

COBIM – Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas . Disponível em: <http://www.cobim.com.br/> acesso em 30/06/2017.

Comissão Pastoral da Terra. Disponível em <https://www.cptnacional.org.br/> acesso em 15/10/2017.

Faculdade FIDELIS. Fundação Educacional Menonita. Disponível em <http://www.fidelis.edu.br/> acesso em 31/07/2017.

IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) – Paróquia de Itati, Vale do Três Forquilhas. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/paroquia/vale-tres-forquilhas> , acesso em 10/07/2017.

Jornal Sinos da Comunhão. Encarte comemorativo aos 130 anos de Fundação do Sínodo Riograndense. Números 3 e 8. São Leopoldo, julho/dezembro de 2016.

Jornal O Tuiuti, Academia General Rinaldo Pereira da Câmara e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), agosto de 2013/Nº85.

Livros Eclesiásticos da Paróquia da IECLB de Itati de 1930-1950.

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Portal luteranos. Disponível em <http://www.luteranos.com.br/textos/carta-sobre-relacao-da-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil-ieclb-e-igreja-evangelica-luterana-do-brasil-ielb> acesso em 31/10/2017.

Registros eclesiásticos da comunidade de Três Forquilhas

REFERÊNCIAS

BOPSIN, Anelise Pires. **A saga de Johann Bobsien e o couro curtido**. Porto Alegre: EST, 2015.

BLOCH, Marc. Comparação. In: **História e historiadores: textos reunidos por Étienne Bloch**. Lisboa: Teorema, 1995, p.111-118.

DA COSTA, Lourenço Resende. **Manifestações de Poder e Identidade em Torno da Língua Ucraniana em Prudentópolis**. Irati, PR: UNICENTRO, 2013.152p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro - Oeste, PR. Disponível em http://www2.unicentro.br/ppgh/files/2014/07/LOUREN_O_RESENDE_DA_COSTA_DISSERTA_O_DEFINITIVA.pdf?x48341. Acesso em 20/07/2017.

DA CUNHA, Lauro Pereira. **Índios *xokleng* e colonos no litoral norte do Rio Grande do Sul (século XIX)**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

DE JESUS, Fátima Weiss. **“Ser afetada”? Implicações de uma antropóloga em campo**. Florianópolis: PPGAS-NIGS-UFSC, 2010. Disponível em <http://nigs.ufsc.br/files/2012/01/fatima-ser-afetada.pdf>. Acesso em 10.10.2017.

ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Véra Lucia M. (org.). **Imigração Alemã: 170 anos. Vale do Três Forquilhas**. Porto Alegre: EST, 1996.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar**. In: **História da educação**. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas (8): 141-174, setembro/2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV,2005.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p.143-179.

HARTOG, François. **A Arte da Narrativa Histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p.193-202.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **O ano de 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul(Província de São Pedro)**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

JENKINS, KEITH. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

KICH, Fabiane Alexandra. **O bilinguismo do meu aluno: reflexões teóricas para o ensino de alemão em contextos bilíngues de contato Hunsrückisch-Português**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Trabalho de conclusão do curso de especialização em ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1996.

MUGGE, Miquéias H.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN, Iria (org.). **Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo**. Homenagem a Martin N.Dreher. São Leopoldo: Oikos, 2010.

MÜLLER, Elio E. **Três Forquilhas: Fase de Formação da Colônia**. Paraná: Fonte, 1992.
_____. **Os Peleadores** – Coleção Memórias da Figueira – Volume: VI. Bauru: AVBL, 2012.

_____. **Sangue de Inocentes**.- Coleção Memórias da Figueira-Volume II. Curitiba: AVBL, 2009.

_____. **De couro Curtido** – Bauru: AVBL, 2015.

PEIXOTO, Marcus. **Extensão Rural no Brasil – Uma Abordagem Histórica da Legislação**. Senado Federal: Brasília, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, nº10, 1992.

SATURNINO, Edison Luiz. **Imagem, memória e educação: um estudo sobre modos de ver e lembrar.** Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2005. Dissertação de mestrado. Disponível em https://sabi.ufrgs.br/F/LAS5XX6DXLRB1VGRGCCFHBE864IYH22TV1FITL4HAB29KJX9VY-09606?func=full-set-set&set_number=017969&set_entry=000003&format=999 acesso em 20/07/2017.

SEIDL, Ernesto. **Intérpretes da história e cultura do RS – clero.** Anos 90, Porto Alegre, v. 14 n. 26, p. 77-110, dez. 2007

SEYFERTH, Giralda. **A representação do “Trabalho Alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira.** Nova Série, antropologia, nº37. RJ: Boletim do Museu Nacional, 1982.

SIEMENS, Udo (org). **Quem somos? 1930-2010: a saga menonita: rompendo a barreira cultural.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010.

SPERB, Angela. O inventário de João Pedro Schmitt. In: **Anais do IV simpósio de história da imigração e colonização alemã no RS.** São Leopoldo: EST, 1987.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A Colônia de São Leopoldo: a organização social dos imigrantes na fase pioneira (1824-1850).** Tese de doutorado, Porto Alegre: PUCRS, 1997.

TRESPACH, Rodrigo. **Passageiros no Kranich.** Porto Alegre: Alcance, 2007.

VELLA, Hugo Aníbal G. et al. **A diversidade do associativismo na região do COREDE-Centro/RS e sua importância para o desenvolvimento regional.** Estudo de caso. Santa Maria: UFSM, 1999.

WEBER, Regina. A construção da “origem”: os “alemães” e a classificação trinária. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, FÉLIX, Loiva Otero. **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional.** Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2002. p. 207-215.

_____. **Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações.** Espírito Santo: UFES/Dep.História, 2006.

WEBER, Roswithia. **Mosaico Identitário: história, identidade e turismo nos municípios da rota romântica – RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado.

WEDIG, Josiane C.; MENASCHE, Renata. **Celebrando festas rurais: diálogos entre campo e cidade**. Belém: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia.- PGDR/UFRGS, 2010.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã**. Rio Grande do Sul – Século XIX. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2015.

ZAPELINI, Camila Lima. **Identidade étnica alemã no sul do Brasil no anuário Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien (1934-1938)**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso. IFCH-UFRGS. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.phpnrb=000982412&loc=2016&l=aa24098e84d57e78> . Acesso em 20/07/2017.